



SANDRA REGINA DOS SANTOS LEDESMA

**MOTIVAÇÕES DOS SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS EM
EDUCAÇÃO DA UFRGS PARA CURSAR O MESTRADO: ESTUDO DE MEMÓRIA
SOCIAL (2005-2015)**

Canoas, 2017

SANDRA REGINA DOS SANTOS LEDESMA

**MOTIVAÇÕES DOS SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS EM
EDUCAÇÃO DA UFRGS PARA CURSAR O MESTRADO: ESTUDO DE MEMÓRIA
SOCIAL (2005-2015)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle – UNILASALLE, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Moisés Waismann
Coorientador: Prof. Dr. Lucas Graeff

CANOAS, 2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L473m Ledesma, Sandra Regina dos Santos.
Motivações dos servidores técnicos-administrativos em educação da UFRGS para cursar o mestrado [manuscrito] : estudo de memória social (2005-2015) / Sandra Regina dos Santos Ledesma. – 2017.
76 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2017.
“Orientação: Prof. Dr. Moisés Waismann”.

1. Memória social. 2. Motivação. 3. Servidores públicos. 4. UFRGS. I. Waismann, Moisés. III. Título.

CDU: 930.85

Bibliotecária responsável: Melissa R. Martins - CRB 10/1380.

SANDRA REGINA DOS SANTOS LEDESMA

**MOTIVAÇÕES DOS SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS EM
EDUCAÇÃO DA UFRGS PARA CURSAR O MESTRADO: ESTUDO DE MEMÓRIA
SOCIAL (2005-2015)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle – UNILASALLE, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Aprovado pela Banca Examinadora em 26 de julho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Judite Sanson de Bem
UNILASALLE

Prof. Dr. Lucas Graeff
UNILASALLE

Profa. Dra. Margarete Panerai Araújo
UNILASALLE

Profa. Dra. Naira Lisboa Franzoi
UFRGS

Aos meus pais (*in memoriam*), que me
permitiram chegar até aqui.
Aos meus filhos Mauro e Alexandre, por darem
sentido à minha vida.

AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos pelas duas Instituições que me permitiram ser quem eu sou hoje, profissional e academicamente.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, meu lugar de trabalho e educação, desde os meus 22 anos de idade. Muito obrigada!

Universidade La Salle – UNILASALLE, lugar que me acolheu, já na madureza da vida, para tornar-me pesquisadora e assim me fazer Mestre. Muito obrigada!

Instituições não subsistem sem as pessoas que as fazem funcionar e é para essas pessoas que vai o meu Muito Obrigada!

No Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH, “minha casa” há mais de 25 anos na UFRGS:

Prof. Dr. Alfredo Storck, Profa. Dra. Lia Levy, Coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRGS, durante o período em que cursei o mestrado;

Eliza Cavedon Mazzarollo, Colega que assumiu minhas tarefas junto à Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, permitindo assim, a autorização para o meu afastamento;

Nara Widholzer, colega e amiga que me instigou a fazer o mestrado;

Ilga Schauen, Assessora da Direção do IFCH que, diante da minha dor pela perda do pai no final do curso, tomou todas as providências cabíveis e necessárias para me permitir chegar à conclusão;

Rebeca Donazar e Cristiane Difini, pelo apoio e sugestões a esse estudo;

Aos colegas Secretários dos Programas de Pós-Graduação do IFCH, irmanados na luta do dia a dia e na cumplicidade de garantir nosso trabalho, pelo incentivo direto à realização desse sonho;

À Profa. Dra. Cleusa Graebin que, a despeito de todas ocupações que a cercam, encontrou tempo e lugar para me acolher quando o medo de não conseguir dar conta da grandeza do mestrado quase me engolfou;

Ao Prof. Lucas Graeff, meu coorientador, que me desafiava a cada aula a ir além de mim, transcender os muros que me aprisionavam na zona de conforto do “não-saber”;

À Profa. Dra. Judith Sanson, pelo carinho e por todas as vezes que me orientei na sala que ela também dividia.

À Profa. Dra. Naira Lisboa Franzoi, por me possibilitar ampliar meus conhecimentos me recebendo gentilmente em sua disciplina na Faculdade de Educação da UFRGS.

Ao Prof. Dr. Moisés Waismann, meu Orientador, a quem escreveria um livro de agradecimentos, se esta intenção não fosse aqui descabida. Gosto das palavras, mas no momento é o meu mais rico recurso e ao mesmo tempo, o mais parco, para dizer-lhe da minha gratidão pela orientação cuidadosa, sempre cercada de um limite seguro daquilo que eu precisava dar conta “naquele momento”. Encontrei no senhor, mais do que a orientação necessária e imprescindível para levar a cabo essa empreitada, encontrei amparo às minhas lágrimas oriundas do medo de não-saber, não-conseguir; ouvi conselhos de um pai, embora sejamos contemporâneos, mostrando-me o caminho a ser seguido em busca do objetivo a ser alcançado. Obrigada também pelas risadas das “ciladas” nas quais eu me metia. Eternamente... Obrigada!

À Suzete Furtunato, amiga de todas as horas, por ensinar-me o caminho para superar a mim mesma e tornar-me capaz de ir além!

À Michelle Raupp Selister por socorrer-me, “de última hora” e brindar-me com a tradução do resumo.

A árvore não se sustenta se não tiver uma boa base de fixação e, no meu caso, essa base se chama carinhosamente, Turma 302. À minha/nossa turma que ingressou no Mestrado em Memória Social e Bens Culturais, em março de 2015 e, naturalmente, constituiu-se uma grande família. Que os laços que nos une sejam fortes o bastante para atravessar os tempos da nossa existência.

Obrigada!

- Adriana Felini;
- Ana Lerida Pacheco Gutierrez;
- Anália Kniest Dornelles;
- Andrea dos Santos Benites;
- Bárbara Pilatti Piffer;
- Claudia de Quadros Rocha;

- Evelin Stahlhoefer Cotta;
- Dóris Maria Demingos Oliveira;
- Jucelino Viçosa de Viçosa;
- Katiussa Nunes Bueno;
- Lisandra Rosa de Vargas;
- Lorete Mattos;
- Luciano Alves Santarém;
- Nara Francisca Silva da Costa;
- Roberta Fernandes Fajer;
- Roberto Limia Fernandes;
- Rosemeri Antunes dos Santos;
- Rosi Maria da Rosa Mendes;
- Rubens Clair Vianna Filho;
- Wilson Rosa.

RESUMO

A pesquisa é um estudo de Memória Social sobre os servidores Técnico-Administrativos em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e seus percursos formativos em cursos de pós-graduação *stricto sensu*, nível mestrado, entre 2005 e 2015. Tem como objetivo geral conhecer a motivação dos Servidores Técnico-Administrativos em Educação da UFRGS para cursar o mestrado através da construção das suas memórias sobre seus processos formativos durante o curso de pós-graduação *stricto sensu*. Trata-se de um estudo de caráter qualitativo. É uma pesquisa aplicada, de caráter exploratório, que num primeiro momento busca informações na Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas – PROGESP através da Escola de Desenvolvimento dos Servidores da UFRGS – EDUFRGS, para definir quantos e quais servidores seriam inseridos na pesquisa. No segundo momento utiliza como instrumento de coleta de dados a entrevista em profundidade - realizando entrevistas individuais - com tratamento dos dados por meio da Análise de Conteúdo. Os participantes foram divididos em dois grupos. Um grupo representa os Técnicos com mais de 20 anos de trabalho na UFRGS e outro grupo representa os Técnicos com menos de 10 anos de trabalho na Instituição. É uma pesquisa sobre memória social e se ancora nos autores Maurice Halbwachs e Jô Gondar e a partir desses dialoga com trabalho e educação, no estudo de Bernard Charlot. A investigação aponta a principal motivação que levou os servidores do corpo técnico a cursarem o mestrado no período do estudo e delinea o perfil desses profissionais.

Palavras-chave: Memória Social; Trabalho e Educação; Técnico-Administrativos em Educação.

ABSTRACT

The research is a study of Social Memory on the technical-administrative civil servants of the Federal University of Rio Grande do Sul - UFRGS and their formative journey in *stricto sensu* postgraduate courses, masters level, between 2005 and 2015. It aims to know the motivation of the technical-administrative civil servants of UFRGS to study the master's degree through the construction of their memories about their formative processes during the *stricto sensu* postgraduate course. This is a qualitative study. It is an applied research, of an exploratory nature, that at first seeks information in the Pro-Rectorate of People Management – PROGESP through the School of Development of Servants of UFRGS – EDUFRGS, to define how many and which servants would participate in the research. In the second moment it uses as an instrument of data collection the in-depth interview - conducting individual interviews - with data treatment through Content Analysis. Participants were divided into two groups. One group represents the technicians with more than 20 years of work in UFRGS and another group represents technicians with less than 10 years of work in the Institution. It is a research on social memory, anchored in the authors Maurice Halbwachs and Jô Gondar and based on their dialogues with work and education, in the study of Bernard Charlot. The research shows the main motivation that led the technical-administrative civil servants to attend the master's degree in the period of the study and delineates the profile of these professionals.

Keywords: Social memory; work and education; technical-administrative civil servants.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição das categorias construídas e sua definição	41
Quadro 2 – Identificação dos Técnico-Administrativos em Educação entrevistados pertencentes ao Grupo dos “Antigos”	44
Quadro 3 – Identificação dos Técnico-Administrativos em Educação entrevistados pertencentes ao Grupo dos “Novos”	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Quantidade e proporção de Técnico-Administrativos em Educação que concluíram o Curso de Mestrado entre 2005 e 2015, por Sexo	28
Tabela 2 – Quantidade e proporção de Técnico-Administrativos em Educação que concluíram o Curso de Mestrado entre 2005 e 2015, por Nível de Cargo.....	28
Tabela 3 – Quantidade e proporção de Técnico-Administrativos em Educação que concluíram o Curso de Mestrado entre 2005 e 2015, por Faixa de Idades	29
Tabela 4 – Quantidade e proporção de Técnico-Administrativos em Educação que concluíram o Curso de Mestrado entre 2005 e 2015, por Tempo de Serviço.....	30
Tabela 5 – Descrição das categorias de análise e proporção do conjunto dos entrevistados	62
Tabela 6 – Descrição das categorias de análise e proporção do conjunto dos entrevistados Antigos	65
Tabela 7 – Descrição das categorias de análise e proporção do conjunto dos entrevistados Novos	67

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Construção do problema de pesquisa	14
1.2 Objetivo Geral	17
1.3 Objetivos específicos	17
1.4 Justificativa da escolha do tema e aderência à linha de pesquisa	17
2 PERCORRENDO OS CAMINHOS DA MEMÓRIA SOCIAL, DO TRABALHO E EDUCAÇÃO	20
2.1 A Reforma do Estado e os Servidores da UFRGS	20
2.2 Trabalho e Educação	25
2.3 Memória Social	31
3 PERCURSO METODOLÓGICO	37
3.1 Caráter da pesquisa e fontes	37
3.2 Definição do campo empírico da pesquisa	39
3.3 A produção e a análise das narrativas de memórias dos servidores	41
4 RELAÇÃO DAS NARRATIVAS COM AS MOTIVAÇÕES PARA CURSAR O MESTRADO	43
4.1 A memória trazida construída pelos Técnico-Administrativos em Educação quando de sua escolha pelo mestrado	43
4.2 Interpretação dos Dados	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	75
APÊNDICE A – Convite	78
APÊNDICE B – Roteiro para entrevista	79
ANEXO – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE DEPOIMENTO	81

1 INTRODUÇÃO

Este é um estudo de Memória Social sobre servidores Técnico-Administrativos em Educação¹ da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e seus percursos formativos em cursos de pós-graduação *stricto sensu*, nível mestrado, entre 2005 e 2015.

O objetivo geral do trabalho é conhecer a motivação dos Servidores Técnico-Administrativos em Educação da UFRGS para cursar o mestrado através da construção das suas memórias sobre seus processos formativos durante o curso de pós-graduação *stricto sensu*, problematizando a relação trabalho e educação; identificar quem são esses servidores e qual o perfil que apresentam; conhecer os seus percursos formativos até a conclusão do mestrado.

A UFRGS é uma instituição de ensino superior situada no sul do Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul, no Município de Porto Alegre. Teve seu início plantado em 1895 com a fundação da Escola de Farmácia e Química, precedida pela Escola de Engenharia e em 28 de novembro de 1934 criou-se a Universidade de Porto Alegre.

Historicamente a Universidade têm registrado seus feitos acadêmicos, nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, atribuindo maior destaque ao trabalho realizado por docentes e discentes. Esse estudo busca conhecer a trajetória dos Técnico-Administrativos em Educação, por meio de suas memórias que contemplam desde as origens familiares, passando pela vida escolar e acadêmica até a conclusão do curso de mestrado, imbricando com o currículo profissional, com a intenção de dar visibilidade à busca pela qualificação técnica desses profissionais.

Trata-se de um trabalho cuja intenção é contribuir para o conhecimento do corpo técnico pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul através das suas trajetórias, pessoal e acadêmica, que contribuem para alicerçar o tripé que

¹ O corpo técnico-administrativo da Universidade é responsável por desenvolver as atividades administrativas da instituição, como por exemplo: gerenciamento de recursos humanos, financeiro, logística, infraestrutura, entre outras. São imprescindíveis no apoio da execução das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Este conjunto pode ser categorizado de acordo com cargo funcional: Nível de Apoio, Nível Intermediário e Nível Superior (Fonte: <http://www.ufrgs.br/proplan/servicos/ufrgs-em-numeros>, acessado em 31/03/2016).

compõem essa instituição de ensino formada por alunos, professores e corpo técnico.

Na segunda metade dos anos 2000 as universidades federais do Brasil cresceram significativamente, tanto em expansão física quanto acadêmica e pedagógica. Essa expansão decorreu do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), proposto pelo governo federal através do Ministério da Educação, cujo objetivo era “ampliar o acesso e permanência na educação superior” (BRASIL, 2007), aumentando as vagas nos cursos e ampliando a oferta de cursos noturnos, no interstício de 2003 a 2012.

Para atender essa demanda expansionista, o REUNI previu também contratação de mais professores e técnicos administrativos em educação, no entanto, a demanda, em relação ao corpo técnico, jamais foi atendida na íntegra, por vários motivos, entre eles, a lacuna criada pela ausência de concurso público para provimento de vagas durante a década de 1990, que fez com que se criasse um gargalo de aposentadorias simultâneas nos anos 2000, além de possíveis exonerações e morte. O serviço público adota um novo perfil e passa a ter um caráter mais próximo da empresa privada, com “impacto nas estruturas, nos processos e nas relações de trabalho” (BERGUE, 2010, p. 185) instituindo gestão por resultados.

Em 2005, foi aprovado o Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação (PCCTAE), (Lei 11.091) que trouxe, entre outras mudanças, a extinção de vários cargos, considerados obsoletos. Funções desempenhadas pelo pessoal do nível de apoio como eletricitista, carpinteiro, auxiliar de limpeza, cozinheiro, vigilante, entre outros, passaram a ser desempenhadas por trabalhadores terceirizados.

Por outro lado, a nova estrutura do plano de carreira traz no Cap. V – Do ingresso no cargo e das formas de desenvolvimento, no Art. 11 está assim escrito, “Será instituído Incentivo à Qualificação ao servidor que possuir educação formal superior ao exigido para o cargo de que é titular, na forma de regulamento” (Lei 11.091), a ser incorporado aos rendimentos e mantido na aposentadoria.

Na esteira do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, a UFRGS criou a Escola de Desenvolvimento de Servidores (EDUFRGS) - cujo objetivo é

promover a capacitação de servidores, por meio da promoção e da orientação de um conjunto de atividades de aprendizagem interdependentes, que promovam o desenvolvimento pessoal e profissional do servidor. Essas atividades tem o propósito de desenvolver competências institucionais por intermédio do desenvolvimento de competências individuais, através da realização de trilhas de aprendizagem², que visam o desenvolvimento do servidor na carreira ou em atividades gerenciais (UFRGS, 2016).

No segundo semestre de 2013 a EDUFRGS lançou seu primeiro Edital de Incentivo Educacional para Servidores que se encontravam cursando ou pretendiam iniciar a pós-graduação, nos níveis de mestrado ou doutorado, em instituições privadas. Na época foram contemplados com essas bolsas 15 alunos do mestrado e 02 do doutorado. A UFRGS, ao final de 2015 possuía cerca de 2.700 técnicos administrativos em atividade, sendo 259 com cargo de nível de apoio, 1.628 do nível intermediário e 840 do nível superior. Desse total, 427 com titulação de mestrado (UFRGS, 2016).

1.1 Construção do problema de pesquisa

A UFRGS é meu lugar de trabalho desde 18 de março de 1985, onde ingressei após uma carta de recomendação e um teste de datilografia na primeira máquina elétrica da minha vida. Costumava dizer que o mundo poderia desabar na minha cabeça que eu não perceberia, tamanha concentração na hora do teste. Na época eu era aluna secundarista em uma escola pública no Município de Viamão, onde moro. No segundo semestre daquele mesmo ano resolvi trancar a matrícula no colégio porque era “muito pesado trabalhar e estudar”. Um professor do Programa de Pós-Graduação em Administração, onde eu trabalhava, me repreendeu por ter

² O Plano de Capacitação Formação Integral de Servidores da UFRGS entende como Trilha de Aprendizagem o conjunto de atividades interdependentes que promovem o desenvolvimento pessoal e profissional do servidor, composto por ações de aperfeiçoamento e qualificação por ele escolhidas, conforme seu interesse e disponibilidade, em atendimento às necessidades do trabalho e aos objetivos da instituição.

largado a escola e disse ser inadmissível eu trabalhar em uma universidade e não estudar. Foi aí que ingressei na Escola Técnica de Comércio da UFRGS, no Curso de Técnico em Secretariado. Embora ainda muito crua para o mundo acadêmico, comecei a perceber as oportunidades se abrindo para mim através dos estudos. Dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul me fiz Técnica em Secretariado nos anos 80 e formei-me Pedagoga em 2004, não sem antes experimentar outros cursos como História e Biblioteconomia. O prazer de aprender a aprender me fez querer saber mais, dominar novas técnicas de conhecimento e foi nesse caminhar que encontrei na pós-graduação o meu lugar como Servidora na UFRGS.

Os cursos de capacitação eram uma provocação para mim e fiz todos que me permitiram, começando pelos da área de informática oferecidos pelo Centro de Processamento de Dados da Universidade. Essas capacitações surgiram pela necessidade de uso dos computadores que estavam chegando e forçando a migração da máquina de datilografia elétrica para essa nova ferramenta. É importante enfatizar que não havia um projeto, à época, de capacitação sistemática do corpo técnico. Eventualmente surgia algum curso na área de informática, como mencionado, redação oficial e técnicas de arquivos, para atender às necessidades de trabalho imediato. Foi a partir de 2007 que começou a aumentar a oferta de cursos e esses passaram a ser oferecidos com mais regularidade. Em 2005, com a aprovação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação – PCCTAE, passou-se a exigir a avaliação de desempenho para fins de progressão e os cursos de capacitação, oferecidos pela própria UFRGS, através da Escola de Desenvolvimento - EDUFRGS, têm sua carga horária contabilizada para fins de progressão dos servidores.

A EDUFRGS, além de promover o organizar os cursos de capacitação também gerencia o Incentivo Educacional que consiste em um aporte financeiro que é repassado ao servidor no mês subsequente ao pagamento da parcela à instituição onde está realizando o curso, na forma de restituição. Vislumbrei, com essa ajuda financeira, a oportunidade de cursar o mestrado em uma instituição privada que oferecesse curso que viesse ao encontro do meu interesse profissional e se identificasse com o meu momento de vida. Encontrei essa possibilidade no curso de

mestrado que me permitiu pesquisar sobre a história dos meus colegas do lugar das memórias. Ao iniciar o meu curso de mestrado percebi colegas que também estavam cursando em diferentes instituições, inclusive na Região Metropolitana de Porto Alegre. Ao pensar nesses colegas, meus contemporâneos na realização do mestrado, com diferentes tempos de trabalho na UFRGS, despertou em mim o interesse de saber quais os motivos que levou mais de trezentos Técnico-Administrativos em Educação da UFRGS a cursar o mestrado e que memórias foram produzidas neste processo.

Entre a segunda metade dos anos noventa e a década primeira dos anos 2000, a UFRGS ficou cerca de dez anos sem realizar concurso público para técnico-administrativo, o que criou informalmente uma distinção entre os servidores em termos de tempo de UFRGS, sendo denominados Antigos³, aqueles que já estavam na UFRGS antes da reabertura dos concursos, e de Novos para o recém contratados. Nesse sentido é meu interesse tornar visível esse momento de transição onde dois grupos, os Antigos e os Novos servidores, se mesclam e se encontram nos espaços da academia na condição de estudantes. Acredito tratar-se de uma experiência única porque, a exemplo do que já vêm ocorrendo, em um futuro não muito distante, muitos servidores estarão se aposentando e a tendência para as próximas gerações de servidores técnicos da UFRGS, é que cheguem à Universidade com a graduação completa e quiçá o título de mestre. Isso se deve a vários fatores como o aumento significativo da busca por vagas no serviço público, abertura de vagas para cargos do nível superior e o nível de instrução dos candidatos cada vez mais elevado, mesmo para os cargos de nível médio. Neste sentido proponho o seguinte problema de pesquisa:

Quais as motivações dos servidores técnico-administrativos em educação da UFRGS na busca pela formação de mestrado no período de 2005 a 2015⁴?

Por isso, acredito, que para dar conta desta problemática é preciso articular com a perspectiva da memória social a discussão existente entre trabalho e educação. E, a partir disso elaboro as seguintes questões norteadoras do estudo:

³ Novos e Antigos: classificação criada pela pesquisadora a fim de facilitar a definição dos grupos representativos a serem entrevistados. Novos, servidores com até dez anos; Antigos, servidores com vinte anos ou mais de trabalho na UFRGS.

⁴ Esse período corresponde ao início do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação (12-01-2005) e o início da pesquisa no curso de mestrado (março/2015).

Quem são os servidores? Qual o perfil? (identificar idade, sexo, graduação, tempo de casa, tempo no cargo, qual o cargo em que é concursado, atividade que exerce, lotação). Qual o percurso formativo até entrar no curso de mestrado?

Para responder essas questões apresenta-se o objetivo geral e objetivos específicos, a seguir explicitados.

1.2 Objetivo Geral

Descobrir quais as motivações dos servidores técnico-administrativos em educação da UFRGS na busca pela formação de mestrado no período de 2005 a 2015.

1.3 Objetivos específicos

Apresentar os conceitos de trabalho e educação e de memória social articulando-os entre si; descrever as características dos servidores que realizaram curso de mestrado entre 2005 e 2015; construir, por meio da memória, a trajetória acadêmica dos servidores que realizaram curso de mestrado entre 2005 e 2015; sistematizar as memórias dos servidores, estabelecendo relação com os conceitos de memória, trabalho e educação; relatar, por meio de um produto técnico, uma revista, as memórias dos servidores na realização do curso de mestrado.

1.4 Justificativa da escolha do tema e aderência à linha de pesquisa

A Constituição Cidadã, promulgada em 1988, Seção II, dispõe sobre os servidores públicos civis e em seu Art. 39, trata da instituição do regime jurídico e dos planos de carreira aos servidores públicos em suas diferentes instâncias de Estado (Federal, Estadual, Municipal). A Lei 11.091, de 12/01/2005 vem legislar sobre a avaliação de desempenho, incentivo à qualificação, e, conseqüentemente estruturar o plano de carreira dos servidores técnico-administrativos em educação, no âmbito das instituições federais de ensino, vinculadas ao Ministério da Educação.

Essa pesquisa inscreve no espaço e no tempo (GONDAR, 2011) a memória de um conjunto de servidores Técnico-Administrativos em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que elevaram a titulação do grupo em questão a partir de suas formações acadêmicas.

Sob a perspectiva social é necessário considerar que a UFRGS é uma Instituição centenária – se considerarmos desde a criação das faculdades de Farmácia e Química fundadas em 1895 -, desta forma, considera-se relevante que este trabalho guarde parte da memória do corpo técnico da Instituição.

A pesquisa é viável porque os servidores, contatados para participarem desta, pertencem ao quadro de ativos da Universidade, o que facilita o contato; a bibliografia na qual se ancora esse trabalho está disponível, e a pesquisadora também produzirá fontes por meio de transcrição das entrevistas. Os dados analisados constituem elemento fundamental para a construção desse trabalho. A pesquisa está ambientada na UFRGS, em seus diversos *campi*, localizados no Município de Porto Alegre – RS.

Após tantos anos de serviço público prestado dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a pesquisadora presenciou o crescimento da Instituição, em termos de números e qualidade, e também o seu, como pessoa e profissional - segundo sua auto avaliação. Foi essa constatação que despertou a necessidade de compreender melhor essa mudança e como ela afeta os servidores e a Instituição em tela.

Como requer o rigor da investigação acadêmica, há que se ter um foco e delimitá-lo. Ao tornar-se estudante de mestrado em Memórias Sociais e Bens Culturais viu a oportunidade de pesquisar o processo de mudança da Universidade a partir da memória social dos servidores que cursaram o mestrado. E é com esse espírito e com esse desejo de desvelar parte dessa memória construída pelos Técnicos, que também é sua, que justifica seu interesse pessoal na pesquisa a ser desenvolvida.

Este estudo tem aderência à linha de pesquisa Memória e Gestão Cultural, pois busca contribuir com o entendimento de aspectos relacionados à gestão de organizações culturais, visto que uma Instituição de Ensino Superior (IES) é uma organização cultural à medida que aproxima as gerações com o acúmulo da cultura

produzida por uma comunidade e este estudo também discute os processos e práticas de trabalho nesta IES.

2 PERCORRENDO OS CAMINHOS DA MEMÓRIA SOCIAL, DO TRABALHO E EDUCAÇÃO

O propósito deste capítulo é apresentar as bases teóricas que ancoram este trabalho na perspectiva dos estudos sobre memória social articulado com os estudos sobre educação e trabalho, tendo como tela os servidores ocupantes dos cargos Técnico-Administrativos em Educação que trabalham na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a reforma administrativa do Estado, o novo Plano de carreira.

2.1 A Reforma do Estado e os Servidores da UFRGS

Antes de adentrar os campos específicos da memória social e do trabalho e educação, considera-se relevante localizar no tempo e no espaço o momento pelo qual passa a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mais precisamente, seu corpo Técnico Administrativo em Educação.

O Brasil dos anos 90 é um país recém saído de vinte anos sob o regime militar, que retorna à democracia enfrentando uma economia combalida, como de resto toda a América Latina, reflexo da economia e política mundial. Nos anos 90 o mundo do trabalho passa por transformações, há uma nova organização. A separação entre o conhecimento prático e o conhecimento teórico é questionada, como destaca Franzoi ao evocar Freyssenet e Hirata (1995) para falar do “modelo japonês”. Modelo esse que “concebe o conhecimento como um processo que se dá e é produzido permanentemente, sendo sua verdadeira novidade a explicitação do reconhecimento e a legitimação do saber pelo capital” (FRANZOI, 2015, p. 155). As greves, fortalecidas nesse período, são instrumentos de defesa do trabalhador, ao seu saber, seu conhecimento, adquiridos com sua experiência. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul greves também emergem, organizadas pelos sindicatos dos servidores públicos federais, em oposição às propostas de Reforma do Estado.

Dentro dessas propostas está a da reforma administrativa do Estado que começou a ser discutida no final dos anos 80, quando o Brasil teve seu primeiro

presidente do regime democrático eleito indiretamente, Tancredo Neves que, não chegou a tomar posse, e assumiu o seu vice, José Sarney.

A década de 1980 é marcada pelas sucessivas trocas de moedas e a tentativa de frear a inflação, sem sucesso. O governo do Presidente Sarney chega ao final do mandato com uma inflação de 80% ao mês, contornando o trabalhador com gatilhos salariais, disparados cada vez que a inflação mensal atingia dois dígitos. A estagnação econômica invade os anos 1990 e, para conter gastos, o governo adota medidas severas frente ao serviço público, entre outros, conforme explicita Bergue:

Esse rearranjo do aparelho estatal, que se estende desde as transformações destinadas à realocação de recursos e competências institucionais, até a dinâmica normativa e operativa, afeta à dimensão humana do serviço público (os agentes públicos), em suas diferentes esferas, tem operado significativo impacto nas estruturas, nos processos e nas relações de trabalho, orientando-se para uma prática gerencial que tem, como uma de suas premissas norteadoras, a priorização do alcance de resultados efetivos nas ações do Poder Público (BERGUE, 2010, p. 185).

Fernando Collor de Mello, presidente do Brasil entre 1990 e 1992, se autodeclara “caçador de marajás” do serviço público. A imagem do servidor público que deixa o casaco na cadeira, para dizer que está no trabalho é divulgada de norte a sul, de leste a oeste do país e uma onda de insatisfação, por parte dos tomadores dos serviços públicos, se levanta. Auto-declarar-se servidor público naqueles dias era motivo para ser mal visto, principalmente, os servidores federais, apontados como vilões e que tinham pela frente

Políticas de austeridade, crise fiscal, reforma da Previdência Social, desvalorização do trabalho de professores e de técnicos-administrativos, diminuição dos recursos para custeio e investimentos – este quadro, tão conhecido das universidades públicas, sem dúvida agravou-se nos anos 90 (PANIZZI, 2004, p. 158).

Situação que segue com o presidente Fernando Henrique Cardoso, eleito para presidente do Brasil em 1994 e reeleito em 1998, a situação das instituições federais de ensino superior segue enfrentando restrições, orçamentária e de autonomia. A equipe econômica promove a troca da moeda, para o Real, e a promessa de estabilização da economia, bem como seus ajustes que impactam diretamente às

universidades federais, promovendo o congelamento de salários e proibindo a realização de concursos públicos. Foi criado também nessa época o Plano de Demissão Voluntária – PDV, que corrobora, junto com as aposentadorias, para a diminuição do quadro de servidores. A UFRGS fica sem nomear novos técnicos entre 1995 e 2005.

Bergue diz que o estado se organiza, principalmente porque

diversos setores da sociedade assim o exigem [...] são exigidos de seus aparelhos uma nova configuração em termos de estrutura, processos e desempenho, sendo que este pode ser alcançado, nos níveis desejados, somente pela atuação das pessoas – os agentes públicos (BERGUE, 2010, p. 183).

Esse novo modelo administrativo começou a ser desenhado com a promulgação da Magna Carta da República em 1988 – a também chamada Constituição Cidadã, e nos anos 90, de acordo com o que foi proposto no Plano Diretor de Reforma do Aparelho do Estado, partiu-se para uma mudança no modelo administrativo até então adotado, em busca de uma administração gerencial pautada por resultados. “Dessa forma geral, é possível afirmar que a atuação sobre os processos de trabalho permite que se eleve o nível de produção de uma organização sem alterar a **estrutura** disponível sob o ponto de vista quantitativo” (BERGUE, 2010, p. 261, grifo do autor), ou seja, cada vez menos servidores precisam dar conta de mais tarefas, que aumentam em número e complexidade, conforme os dados trazidos pela ex-Reitora da UFRGS, Profa. Wrana Panizzi:

[...] entre 1996 e 2004 – apesar das dificuldades financeiras e apesar da redução do número de docentes e de servidores técnico-administrativos – a UFRGS cresceu [...] Criamos uma dezena de novos cursos de graduação. Expandimos as matrículas na graduação (22%) e na pós-graduação (52%). Criamos quase 50 novos cursos de pós-graduação [...] o número do curso de mestrado cresceu 32% e o de cursos de doutorado, 115%. As vagas no vestibular cresceram 17%, no total, e mais de 160% nos cursos noturnos (PANIZZI, 2004, p. 162).

Considerando-se que desde os primórdios da UFRGS até a implantação do concurso público para contratação dos servidores, o grau de escolaridade exigido para ocupar os cargos vigentes à época, era basicamente o correspondente a 1º e

2º grau⁵, para os níveis de apoio e médio, isso fez com que muitos servidores chegassem aos anos 2000 com a escolaridade defasada, contando apenas com a experiência adquirida nos vários anos de serviço público.

Esses dez anos em que servidores técnicos foram deixando a vida ativa na UFRGS, criou uma lacuna no quadro técnico da Universidade. Quando os concursos foram retomados e vagas começaram a ser ocupadas pelos recém-nomeados ficou muito marcada a distância geracional. A maioria dos concursados é jovem e chega na Universidade com uma bagagem instrucional que abrange, no mínimo, desde o ensino médio completo à pós-graduação *stricto sensu*.

Na Teoria do Capital Humano Shultz (1971) analisa que trabalhadores que investem em si, na sua qualificação profissional, dão mais retorno ao empregador, ou seja, o investimento na educação é de ordem particular mas o ganho é de todos, principalmente da organização. Percebe-se os aumentos na produção e, no reflexo da economia do país, mas diagnostica que isso se dá graças à educação dos trabalhadores:

Os rendimentos auferidos (...) por trabalhadores que se propõem a adquirir um treinamento no local de trabalho são claros exemplos. Utilizam o tempo de lazer para a melhoria de capacidades técnicas e de conhecimentos (SCHULTZ, 1973, p. 31).

Considerando esse olhar sobre trabalho e educação, recorre-se aos Sociólogos Cattani e Holzmann e suas interpretações sobre a Teoria do Capital Humano:

apresenta-se sob duas perspectivas articuladas. Na primeira, a melhor capacitação do trabalhador aparece como fator de aumento de produtividade. A qualidade da mão-de-obra obtida graças às formações escolar e profissional potencializaria a capacidade de trabalho e produção. Os acréscimos marginais de formação proporcionariam acréscimos na capacidade produtiva, o que permitiria maiores ganhos para as empresas e, também, para os trabalhadores. Na segunda perspectiva, a Teoria do Capital Humano destaca as estratégias individuais com relação a meios e fins. Cada trabalhador aplicaria um cálculo custo-benefício no que diz respeito à constituição do seu “capital pessoal”, avaliando se o investimento e o esforço empregados na formação seriam compensados em termos de melhor remuneração pelo mercado no futuro (CATTANI, HOLZMANN, 2006, p. 57).

⁵ Equivale atualmente ao Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Na UFRGS, até os anos 2000, os exemplos citados por Schultz refletem a realidade dos servidores técnico-administrativos que buscavam qualificar-se por iniciativa própria, sem que houvesse um incentivo financeiro direto após a obtenção do grau de mestrado, por exemplo. Porém, os resultados do conhecimento adquirido retornavam para o ambiente de trabalho e a valorização acabava acontecendo quando esse servidor era convidado a assumir novas funções, e isso era uma forma de reconhecimento vinda das pessoas mais próximas, chefias, coordenações que acompanhavam o crescimento do trabalhador. Não era um reconhecimento institucionalizado, o que, segundo Albornoz é importante porque “Um homem só satisfaz seu desejo, suas carências humanas, quando outro homem seu igual lhe reconhece o seu valor humano [...] Os homens desejam e carecem ser reconhecidos” (Albornoz, 2002, p. 64).

A busca pelo reconhecimento do servidor, através de um plano de carreira, foi alcançada, embora não satisfatoriamente⁶, em 2005, quando o Presidente Luis Inácio Lula da Silva sancionou a Lei 11.091 de 12 de janeiro e um novo horizonte é apresentado ao servidor público federal que vê seus investimentos em qualificação profissional serem reconhecidos através de incentivos àqueles que obtiverem titulação acima da exigida para o cargo ocupado. Isso tornou-se um estímulo para servidores, que haviam parado de estudar há anos, retornarem às salas de aula e, para os novos que estão chegando, a titulação apresentada impacta imediatamente no salário inicial.

As mudanças nascidas na década de 90 chegam à sua plenitude de implantação nos 2000 na UFRGS. Em 2003, com a criação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, a Universidade mobiliza-se para receber o apoio do governo federal, ampliando espaço físico, aumentando o número de vagas nos cursos já existentes e criando novos, principalmente noturnos. Concursos são abertos para provimentos de vagas docentes e de técnicos, no entanto, as nomeações desses começam a acontecer efetivamente a partir de 2005 e o número que chega à Universidade não repõe totalmente as vagas oriundas das aposentadorias e exonerações. Há uma nova organização nas estruturas de trabalho; unificam-se espaços; formam-se equipes;

⁶ Do ponto de vista da autora, que também é servidora da UFRGS.

responsabilidades e tarefas são redistribuídas e um novo perfil de técnico-administrativo começa a surgir no âmbito da Universidade. Há cada vez menos trabalhadores para desempenhar um número maior de tarefas. Na UFRGS há uma descentralização de encargos burocráticos que são repassados para os Técnicos, ou seja, tarefas que antes estavam concentradas em um único setor foram distribuídas por vários outros da Universidade, sobrecarregando os Técnico-Administrativos. Mas essa prática não diminui o trabalho no setor que antes concentrava, porque novas atribuições passam a fazer parte deste.

O trabalhador ideal deve ser o multitarefas, aquele que é capaz de dar conta de várias demandas, “que seja polivalente e multifuncional, demonstrando responsabilidade pelo seu processo de trabalho” (ARRUDA, 2000, p. 17). Daí as equipes de trabalho para dar conta da polivalência, subordinadas a prazos e metas. Não são necessariamente parceiros entre si, mas da Instituição. “Nesse modelo se auto-avaliam, avaliam seus integrantes e são avaliados pela organização” (ARRUDA, 2000, p. 17).

A sociedade tornou-se mais complexa e ciente dos seus direitos exigindo qualidade dos serviços públicos prestados, financiado pelos tributos arrecadados dos contribuintes. o Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativo em Educação trouxe a possibilidade dos servidores expandirem seus conhecimentos através da educação formal, qualificando-se profissionalmente e retornando esse valor agregado ao trabalho desempenhado na Universidade.

2.2 Trabalho e Educação

Nesse item é abordado o binômio trabalho e educação dos Técnico-Administrativos em Educação da UFRGS. Adota-se os termos trabalho e educação, rigorosamente nessa ordem, atendendo os seguintes propósitos: primeiramente respeitando à conclusão da área de Educação, que assim o definiu, no Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2015), por entender que “o trabalho é o princípio primeiro para se entender a sociedade e, portanto a educação” (FRANZOI; FISCHER, 2015, p. 151), e, em

segundo lugar porque a abordagem desse trabalho está centrada nos servidores que voltaram a estudar, realizando o curso de mestrado.

Conforme mencionado anteriormente, o incentivo financeiro à qualificação, ou seja, à titulação escolar e acadêmica, toma corpo a partir da implantação do Plano de Cargos e Carreira dos Técnicos-Administrativos em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2006. Essa motivação que, conforme Charlot (2000, p. 55), é externa, não seria suficiente se não viesse acompanhada da mobilização, que é algo que vem de dentro do ser humano. É a vontade de fazer, conforme o depoimento de uma servidora de cargo Técnico: “Éramos tratados assim, aquela pessoa deveria fazer tal tarefa e fim. Então eu acho que era uma coisa muito interna, muito da tua disposição, da tua vontade” (JOB, 2016). E é essa motivação/mobilização, que levou servidores a cursarem o mestrado, que a pesquisa quer conhecer a partir das memórias dos entrevistados.

Bernard Charlot é Filósofo, Doutor em Educação, Professor de Ciências da Educação na Universidade Paris VIII – Saint-Denis, França e Professor Visitante, pela CAPES, na Universidade Federal de Sergipe. Na sua obra “Da relação com o saber”, o autor busca “compreender como o sujeito categoriza, organiza seu mundo, como ele dá sentido à sua experiência e especialmente à sua experiência escolar [...], como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio” (CHARLOT, 2005, p. 41). Neste estudo aborda-se a relação com o saber, seja ela profissional e/ou acadêmica, a partir do adulto que trabalha e o conhecimento adquirido através da educação.

Considerando que o homem ao nascer, mesmo chegando em um mundo pré-existente cuja sociedade já está organizada, com língua própria, costumes, valores e requer cuidados de outrem para que sobreviva, **para tornar-se humano precisa ser educado** (grifo meu). Porque, de acordo com Charlot, desde criança estamos “num mundo do qual ela se deve apropriar com sua atividade, mundo no qual está sempre, confrontando-se com a questão do saber” (CHARLOT, 2000, p.45).

Nessa educação recebida pela família, pela sociedade na qual está inserido, pela escola, o ser, nascido inacabado, vai se transformando e absorvendo os valores do meio em que vive, das influências que agrega, sendo, também, preparado para o mundo do trabalho.

O trabalho que conhecemos, tem seu fundamento na origem judaico-cristã onde o trabalho é o que dignifica o homem diante de Deus e, conforme a “visão positivista, mesmo na sua concepção humanista, renascentista, o trabalho não só é um dever, mas um direito, pois através dele o homem é homem, se faz, aparece; enquanto cria, entra em relação com os outros, com seu tempo, cria o seu mundo, se torna reconhecido e deixa impressa no planeta em que vive a marca de sua passagem” (Albornoz, 2002, p. 94).

O Técnico Administrativo, antes de ingressar na UFRGS, se preparou para passar no concurso público e o conhecimento exigido é da ordem do intelectual, ou seja, deve dominar legislação, a língua portuguesa, matemática e conhecimentos específicos da área. A prática da rotina o servidor conhecerá ao ser nomeado no serviço público, com o auxílio dos colegas e, conquanto que atualmente a Universidade ofereça capacitações de acolhimento, onde cursos de capacitação apresentam a Universidade e sua estrutura, as tarefas a serem desempenhadas dependem de interlocução direta, que só é possível através da troca com o outro. Em nome da verdade é preciso admitir que no quesito rotinas burocráticas administrativas ninguém chega à Universidade sabendo. Daí a importância de se destacar as relações de saber presentes na prática do dia a dia com o auxílio dos colegas que se dispõem a ensinar as tarefas e, assim, atender as demandas.

É nessa troca, nessa via de mão dupla, que acontece a relação com o saber, e segundo Charlot

aprender, é exercer uma atividade *em situação*: em um local, em um momento da sua história e em condições de tempo diversas, com a ajuda de pessoas que ajudam a aprender. A relação com o saber é relação com o mundo, em um sentido geral, mas é, também, relação com esses mundos particulares (meios, espaços...) (2000, p. 67).

Essa é uma das maneiras de iniciar o percurso do servidor técnico administrativo dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no entanto, esse caminho que cada vez mais é combinado com a vida acadêmica, entre 2005 e 2015 levou 322 Técnico-Administrativos em Educação a se decidirem pelo curso de mestrado.

Importante lembrar que a UFRGS chega em 2015 com 427 Técnico-Administrativos em Educação, titulados com mestrado. Desses, 322 se titularam a

partir de 2005, ano de aprovação do plano de carreira, até 2015, data de início da pesquisa.

A tabela 1 apresenta a quantidade total e por sexo, de Técnico-Administrativos em Educação que concluíram o curso de mestrado entre 2005 e 2015. A ilustração tem como objetivo verificar como estão distribuídos os títulos de mestrado entre os sexos masculino e feminino.

Tabela 1 – Quantidade e proporção de Servidores Técnico-Administrativos em Educação que concluíram o Curso de Mestrado entre 2005 e 2015, por Sexo

Sexo	Quantidade	Percentuais
Feminino	206	64%
Masculino	116	36%
Total Geral	322	100%

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponibilizados pela PROGESP – Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

Do universo de 322 Técnico-Administrativos em Educação que cursaram o mestrado no referido período, 206 (64%) são do sexo feminino e 116 (36%) são do sexo masculino, infere-se, portanto, que a maioria dos mestres titulados no período estudado é do sexo feminino. Na próxima ilustração apresenta-se como estão distribuídos os servidores pelos cargos.

A tabela 2 mostra a quantidade e proporção de Técnico-Administrativos em Educação que concluíram o Curso de Mestrado entre 2005 e 2015, por nível do cargo. A ilustração mostra como detentores desses cargos aparecem dentro do conjunto estudado.

Tabela 2 – Quantidade e proporção de Técnico-Administrativos em Educação que concluíram o Curso de Mestrado entre 2005 e 2015, por Nível de Cargo

Nível do Cargo	Quantidade	Percentuais
Apoio	3	1%
Médio	81	25%
Superior	238	74%
Total Geral	322	100%

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponibilizados pela PROGESP – Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

Percebe-se que dos 322 Técnico-Administrativos em Educação da UFRGS que cursaram o mestrado entre 2005 e 2015, 238 (74%) ocupam cargos de nível superior, 81 (25%) ocupam os cargos de nível médio e 3 (1%) ocupam cargos de

nível de apoio. Portanto, os cargos com maior concentração de servidores técnicos com titulação no mestrado são os de nível superior, na sequência, fizeram o mestrado os servidores técnicos detentores de cargos de nível médio e em quantidade reduzida, porém, não menos importante, aqueles servidores que ocupam cargos de nível de apoio.

A tabela 3 apresenta quantidades e proporções dos Técnico-Administrativos em Educação distribuídas por faixas etárias, com título de mestrado no período estudado, agrupadas com intervalos de 5 em anos, compondo oito grupos de idades.

Tabela 3 – Quantidades e proporção de Servidores Técnico-Administrativos em Educação que concluíram o Curso de Mestrado entre 2005 e 2015, por Faixa de Idades

Faixa de idades	Quantidades	Proporção
25-29	22	7%
30-34	104	32%
35-39	80	25%
40-44	24	7%
45-49	22	7%
50-54	38	12%
55-59	24	7%
60-67	8	2%

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponibilizados pela PROGESP – Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

A distribuição das faixas etárias, aglutinadas em oito grupos, com intervalos de cinco anos cada, torna possível um ranking de posições onde em primeiro lugar está o grupo que possui idades entre 30-34 anos e que concentra o maior número de técnicos que se titulou no mestrado, no total de 104, que corresponde a 32%. Em segundo lugar aparece a faixa etária que se concentra no intervalo 35-39 anos de idade, com o total de 80 técnicos titulados no período e representa 25%. Em terceiro lugar está a faixa etária que agrupa as idades entre 50-54 anos, com 38 técnicos e representa 12% do total. Em quarto lugar percebe-se um empate entre os grupos que compõem as faixas etárias entre 25-29 anos, com 22 técnicos; 40-44 anos, com 24 técnicos; 45-49 anos, com 22 técnicos; e 55-59 anos de idade, com 24 técnicos; que correspondem 7% cada um desses quatro grupos; e, finalmente, a faixa etária

que tem o menor número de técnicos titulados no mestrado entre 2005 e 2015 que é a de 60-67 anos de idade, correspondendo a 2% do total.

Na tabela 4 é apresentada a distribuição por tempo de serviço na UFRGS, dos Técnico-Administrativos em Educação, titulados no mestrado no período indicado.

Tabela 4 – Quantidade e proporção de Técnico-Administrativos em Educação que concluíram o Curso de Mestrado entre 2005 e 2015, por Tempo de Serviço na UFRGS

Tempo de Serviço	Número de servidores	Percentuais
Novos	242	75%
Intermediários	7	2%
Antigos	73	25%
Total Geral	322	100%

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponibilizados pela PROGESP – Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

O grupo que apresentou maior número de titulação no mestrado no período investigado – 242 - são os identificados como Novos, ou seja, aqueles Técnico-Administrativos em Educação que têm menos de 10 anos de trabalho na UFRGS, e correspondem a 75% do total. O grupo identificado como Antigo, possui 73 técnicos com título de mestre e corresponde a 25% desse universo. Restando 7 técnicos que correspondem a 2%, no grupo intermediário daqueles que têm mais de 10 anos e menos de 20 anos de trabalho na Universidade.

A análise geral dos dados quantitativos referente aos Técnico-Administrativos em Educação da UFRGS, que cursaram o mestrado entre 2005 e 2015, revela que a maioria titulada pertence ao sexo feminino, 206 ou (64%), ocupa cargos de nível superior 238 ou (74%), pertence a faixa etária que está entre 30 e 39 anos de idade, 184 que equivalem a 57% e pertencem ao grupo dos Novos - têm menos de dez anos de tempo de serviço - somando 242 técnicos que correspondem a 75% do total.

Continuando no percurso, apresenta-se agora as bases teóricas sobre memória social, nas quais esse estudo se apoia.

2.3 Memória Social

J.-Michel Alexandre, na Introdução da obra “A Memória Coletiva”, assim se refere a Halbwachs sobre a memória social:

Ele nos permite apreender profundamente que não é o indivíduo em si ou alguma entidade social que recorda, mas ninguém pode se lembrar realmente a não ser em sociedade, pela presença ou pela evocação, portanto, recorrendo aos outros ou a suas obras (HALBLWACHS, 2003, p. 23).

Halbwachs (2003) avalia que a memória é coletiva porque ao lembrarmos nunca estamos sozinhos, há sempre a presença do contexto em que ela foi formada, há o lugar, pessoas, espaço, tempo.

A pretexto de ler um trabalho produzido por Historiadores abordando suas memórias, tomei nas mãos uma publicação⁷ comemorativa de um programa de pós-graduação da UFRGS. Dentre os artigos publicados, escolhi para ler aqueles que fazem referência à memória e foram escritos por pessoas que conheço e também fazem parte das minhas memórias profissionais. A cada palavra, frase, parágrafo lidos, fui me descolando da leitura sobre o tema de estudo e deixei-me levar pela fala de cada um. Quase dava para ouvir as vozes, reconhecendo em cada texto a personalidade dos autores, o discurso mais contundente que defende um ponto de vista, a palavra que anuncia e sedimenta a novidade de um novo campo de estudos na área, a fala ditosa de outro autor que constrói suas memórias sobre um tempo onde nem tudo eram flores, mas ele assim os vê, porque essa é a lupa que decidiu usar para relembrar esses fatos de sua vida. Paralelo a essas narrativas, que são deles, dos autores, do outro, acontecem as minhas lembranças que são entremeadas pelas memórias que essas outras pessoas me trazem. As memórias são deles, mas são minhas também, porque eu estive presente nos momentos, por eles, reconstruídos em suas narrativas. Esse é um breve exemplo de como Halbwachs se refere a memória e sustenta que esta é sempre coletiva porque

⁷ Revista Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História. v. 13. n. 23/24 janeiro/dezembro de 2006.

Outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor me recordar, eu me volto para elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas das ideias e maneiras de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas (HALBWACHS, 2003, p. 31).

Pessoas, no caso os trabalhadores, que têm por característica a convivência por tanto tempo, é um celeiro de muitas lembranças e, os princípios da memória coletiva de Halbwachs se comprovam, conforme demonstrado anteriormente. Esse trabalho apresenta também os tempos de serviço dos servidores técnicos titulados no mestrado entre 2005 e 2015 e que foram aglutinados em dois grupos, os que têm menos de dez anos e aqueles que têm mais de vinte anos de trabalho na UFRGS é um campo fértil de memórias. Jô Gondar (2005), vê na afirmação de Halbwachs algo a mais, além das memórias coletivas se basearem em quadros sociais; vinculadas à família, ao grupo religioso, ao lugar onde mora, vê como as memórias no grupo se constroem ao longo do tempo. O que vem ao encontro do pensamento de Gondar (2005), para quem a ideia de uma memória estática não se sustenta porque ela a vê como algo em constante movimento, com fronteiras elásticas, capaz de abarcar diversas definições. Há que se salientar que Halbwachs, “estudioso dos níveis *sociais* da memória, que o autor prefere ater-se às relações vividas pelo sujeito (relações familiares, vicinais, profissionais, políticas, religiosas)”, conforme escreve Bosi (1994, p. 65).

A memória coletiva para Graeff, “se situa no encontro entre o individual e o coletivo, entre o psíquico e o social”. O que permite retomar o pensamento trazido por Gondar sobre a memória ser um tema que permite muitos olhares e não se prende a esse ou aquele conceito (GRAEFF, 2011).

Esse estudo busca apoio nesses autores porque, embora refira-se à memória de cada um dos servidores técnicos entrevistados, vê essa memória eivada das memórias do grupo ao qual pertencem. Portanto, ao perguntar de que memória está se falando, a resposta é memória social, cuja lembrança individual é o elemento acionador da memória, mas que a “nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se a mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas” (Halbwachs, 2010, p.29).

As quatorze entrevistas, apresentadas no capítulo seguinte, demonstram esse ir e vir da memória, o contexto em que cada uma se formou e como é trazida pelo entrevistado ao tempo presente. Há uma recorrência constante às pessoas, o ambiente, a época, em que os fatos ocorreram, corroborando o conceito de memória social que ancora esse trabalho.

Fatos que não são lembrados perdem-se, caem na vala comum do esquecimento e Bosi (1994) aquiesce a ideia de Halbwachs de que “quando relatamos nossas mais distantes lembranças, nos referimos, em geral, a fatos que nos foram evocados muitas vezes pelas suas testemunhas” (BOSI, 1994, p. 406).

E é pensando esse grande desafio que Gondar percebe a memória como um campo conceitual bastante amplo porque “é produzido no entrecruzamento ou nos atravessamentos entre diferentes campos de saber” (GONDAR, 2005, p. 13) e apresenta quatro proposições sobre memória social: ela é transdisciplinar; é ética e política porque ao fazer o registro de uma memória trazida para o presente, há uma intencionalidade e é nessa intenção que se faz presente as questões ética e política da investigação. Não existe neutralidade, mesmo quando afirma-se ser; é uma construção processual porque as memórias não reconstituem o passado, mas o reconstroem a partir da perspectiva do presente e “a questão clássica primordial consiste em extrair daquilo que muda e passa o que permanece estável e imutável” (GONDAR, 2005, p. 19).

Bosi (1994) antecede o parágrafo seguinte ao fazer estas perguntas e faz um convite à reflexão.

Pode-se recordar sem ter pertencido a um grupo que sustente nossas memórias? Estaremos sós quando nos afastamos de todos para melhor recordar? Quando entramos dentro de nós mesmos e fechamos a porta, não raro estamos convivendo com outros seres não materialmente presentes. A alma escolhe sua companhia antes de fechar a porta... (BOSI, 1994, p. 406).

As memórias provocadas nos entrevistados trouxe um componente que só é percebido por quem está diante do lembrador. O olhar volta-se para cima, ora para um lado, ora para o outro e à medida que vai traduzindo em palavras o que vai reconstruindo na memória, o seu corpo vai dando sinais de que acompanha esse passeio pelo passado no presente. Sorrisos entremeiam as falas, a voz muda de

tom conforme o que está vindo lá de dentro das lembranças. As mãos gesticulam, se unem, crispam-se os dedos. O quadro é formado pela entrevistadora, o(a) entrevistado(a), um espaço físico e um gravador, mas quando as memórias se *reconstroem*, dá quase para ver a mente presente ligando os fios com o passado. Quanto mais distante, mais fortes os traços pensativos. À medida que o lembrador vai trazendo a sua história, descrevendo o seu percurso, quem lhe ouve embarca junto nessa trajetória. Ao escrever esse trabalho, é voltar a cada um desses lugares, reencontrar as pessoas, relembrar os espaços onde cada encontro se deu, porém, tudo isso é feito de um outro lugar que não mais aquele onde tudo aconteceu. As memórias são reconstruídas a partir do aqui e agora. “Somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão: “*Aí está alguém que não me deixa mentir*” (BOSI, 1994, p. 407).

É convidado a compor esse quadro conceitual das memórias o artigo de Halbwachs (2003) sobre a “Memória coletiva entre os músicos”, onde o autor busca exaustivamente compreender como se instala na memória dos músicos os acordes musicais, uma vez que, diferentemente das outras memórias que remetem sempre a um objeto, como um livro, uma tela pintada, a palavra, a memória de uma música é diferente, porque “os músicos, ao contrário, se detêm nos sons e não buscam nada além do som” (HALBWACHS, 2003, p. 221). Aos demais presentes em uma execução musical poderão eventualmente, esquecer a música e deixar-se levar pelo pensamento para outros assuntos.

A atitude de um músico é completamente diferente, quer esteja executando, que escutando: nesse momento ele está mergulhado no meio dos homens que se ocupam simplesmente em criar ou escutar combinações de sons, está por inteiro nessa sociedade (HALBWACHS, 2003, p. 222).

Para dar mais ênfase a essa dedicação em estudar os músicos e suas memórias, Halbwachs conclui o artigo dizendo o seguinte:

Para falar a verdade, a música é a única arte a que se impõe esta condição, porque ela se desenvolve toda no tempo, não se prende a nada que tenha permanência e, para retomá-la, é preciso recriá-la sempre. Como não existe nenhum exemplo em que possamos perceber mais claramente, não é possível guardar muitas lembranças com todas as suas nuances e em seus

detalhes mais precisos, a não ser que utilizemos todos os recursos da memória coletiva (HALBWACHS, 2003, p. 222).

Bosi (1994) demonstra o quão modificada pode ser a memória, embora sempre mantendo sua essência, nessa análise comparativa sobre a experiência da releitura de um livro. Ela diz:

Ao encetar a releitura, esperamos que voltem com toda a sua força e cor aqueles pormenores esquecidos, de tal maneira que possamos sentir as mesmas emoções que acompanharam o nosso primeiro contato com a obra. Esperamos, em suma, que a memória nos faça reviver aquela bela experiência juvenil. Mas, se fizermos uma análise objetiva da situação em que se desenvolve a releitura, teremos de reconhecer que não é isso que se dá. Parece que estamos lendo um livro novo (BOSI, 1994, p. 57).

Estimulada pela leitura de Bosi (1994) que aborda a questão da releitura como uma experiência reveladora da mudança de perspectiva do leitor, peço licença para imbricar aqui experiência por mim vivida. Ao final dos onze anos de idade, iniciando a 6ª série do então 1º Grau, deparei-me com a leitura de *O Guarani* de José de Alencar. O livro todo fora dividido em partes pela professora e distribuídas essas partes entre os alunos que, após lerem, iriam à frente na sala para narrar a leitura aos demais colegas. *Lembro, como se fosse hoje*, o entusiasmo com o qual descrevi Peri e Ceci e o ataque da onça. Muitos anos se passaram, mas a doce lembrança daquela experiência exitosa continuava viva e, na esperança de saboreá-la novamente, decidi comprar um exemplar do livro para *reviver* aquele momento de puro prazer e romance impossível entre o índio e a mocinha da casa grande. Que decepção! Eu não já não era mais a mesma, embora os heróis ainda assim permanecessem, a releitura não tinha mais o gosto da primeira vez. “Não se lê duas vezes o mesmo livro, isto é, não se relê da mesma maneira um livro” (BOSI, 1994, p. 58). Assim como as memórias, que a cada evocação sofrem intervenção do momento em que vem à tona e não permanecem igual à anterior, mantendo apenas a sua essência.

Várias razões modificaram minha leitura, destaco apenas uma, muitas outras leituras sucederam àquela do despertar da adolescência e modificaram meu olhar e compreensão. Os personagens que antes me pareceram tão romanescos, doces e sensíveis, como a mocinha frágil e o índio forte e protetor, hoje seus atributos são

passíveis de questionamentos para a adulta que me tornei. Jogou-se luz sobre aquela memória e, para o bem ou para o mal, não cabe julgamentos aqui, essa memória se modificou, se reconstruiu, de um outro lugar em mim.

Esse capítulo expôs as bases teóricas sobre memória social articulada com os estudos sobre educação e trabalho, a reforma administrativa do Estado e o novo Plano de carreira dos Servidores que atuam na UFRGS com cargos de Técnico-Administrativos em Educação. No próximo capítulo é apresentado o percurso metodológico para realização desta pesquisa.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo tem por finalidade apresentar a metodologia utilizada para desenvolvimento da pesquisa definindo o campo empírico e, na sequência, a produção e análise das narrativas das memórias dos técnicos, participantes das entrevistas. Caminho esse que, segundo DESLANDES (1994) “não só contempla a fase de exploração de campo (...) como a definição de instrumentos e procedimentos para análise dos dados” (DESLANDES, 1994, p. 43). Portanto, o objetivo desta pesquisa é apresentar as memórias apresentadas por um grupo de servidores que atuam como Técnicos-Administrativos em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, que cursaram o mestrado entre 2005 e 2015.

3.1 Caráter da pesquisa e fontes

Trata-se de um estudo de caráter qualitativo de coleta de dados. É uma pesquisa aplicada, de caráter exploratório que usou como instrumento de coleta de dados a entrevista em profundidade - realizando entrevistas individuais - com tratamento dos dados e análise de conteúdo.

A pesquisa buscou informações junto à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas - PROGESP através da Escola de Desenvolvimento dos Servidores da UFRGS – EDUFRGS, que intermediou o envio dos dados iniciais, que compõem a documentação secundária, referentes ao grupo enfoque desse estudo. Os dados fornecidos foram tratados para definir quantos e quais servidores se inserem no perfil da pesquisa. A pesquisa está delineada como uma pesquisa documental e a “análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos” (MORAES, 1999, p. 8).

Os dados brutos fornecidos pela PROGESP, apresentou informações quantitativas referente aos Técnico-Administrativos em Educação com título de mestre até o dia 1º de julho de 2016. Foi retirado do montante todos os nomes dos Técnicos que se titularam antes de 2005 ou depois de 2015, para atender o recorte

temporal da pesquisa. Feito esse desenho, os técnicos foram identificados por nome, sexo, idade, local de atuação na UFRGS, tempo de serviço e cargo. Buscou-se os endereços eletrônicos e/ou números de telefone para enviar o convite. O convite, que foi enviado por e-mail, apresenta a pesquisa e convida o servidor a participar desta concedendo entrevista. Na mensagem eletrônica que acompanha o convite me identifico e solicito a colaboração do colega na pesquisa. É estimado um prazo para receber as respostas. Como não vieram dentro do tempo determinado, decidiu-se pelo contato direto por telefone e assim as entrevistas foram agendadas. Mediante combinação prévia e devidamente autorizada, as entrevistas são gravadas e no final desta é solicitada licença para fotografar o entrevistado para o produto final projetou-se uma revista, que será disponibilizada eletronicamente contendo um texto elaborado a partir de trechos das falas dos entrevistados, articulado com as minhas memórias e, para ilustrar serão colocadas as fotografias dos participantes junto com a minha, dando a ideia de um grupo, que compõem o corpo Técnico-Administrativo em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Quando é gravada a última entrevista o trabalho de campo acaba e tem início uma outra etapa que é ouvir os áudios e transcrevê-los. Participam das entrevistas os seguintes Técnico-Administrativos em Educação, nomeados em ordem alfabética: André Schneider, Camila Pegoraro, Catherine da Silva Cunha, Diego Speggorin Devincenzi, Fábio Celestino Pereira, Helenara Robalo Ungaretti, Ivone Job, Michelle Raupp Selister, Miguel Angelo Ribeiro de Ribeiro, Noêmia Fátima Rodrigues, Renata Manara Tonioli, Rita de Cássia Soares de Souza Bueno, Tanira Rodrigues Soares e Vania Lima Gondim.

Nessa etapa do trabalho passa-se a reconstruir a experiência a partir das vozes, lembrando o contexto de cada gravação. É uma leitura paralela que acontece. Ao concluir as transcrições, inicia-se uma leitura preliminar sobre tudo que foi dito. Nesse momento, algumas ideias começam a aparecer dando noções do que poderá surgir em uma análise de conteúdo.

Sobre o processo de aprofundar-se naquilo que foi dito e que foi, nesse caso, transcrito, Moraes (1999) destaca que a análise de conteúdo se presta a diferentes perspectivas, entre elas, o sentido simbólico. Por isso, um mesmo texto está sujeito a diferentes interpretações dependendo de quem o lê e com quê intenção. “De certo

modo a análise de conteúdo, é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra. Toda leitura se constitui numa interpretação” (MORAES, 1999, p. 9). Por isso repete-se a leitura, porém, com um olhar mais focal, buscando aprofundar o que foi dito e também o que está subentendido e que permite fazer relações com a pesquisa.

3.2 Definição do campo empírico da pesquisa

O campo empírico da pesquisa, aquele que dá sustentação a esse estudo pela prática do dia a dia, é constituído por um grupo de servidores Técnicos-Administrativos em Educação que atua na UFRGS e está representado na amostragem a partir daqueles que gravaram as entrevistas obedecendo alguns critérios pré-definidos, como: ter menos de dez anos ou mais de vinte anos de tempo de serviço na UFRGS e ser titulado no mestrado no período compreendido entre 2005 e 2015. Os servidores envolvidos ocupam cargos técnicos do nível de apoio, nível médio e nível superior. O objetivo principal é investigar, através das memórias dos entrevistados, o percurso formativo de suas vidas e como esse caminho os impeliu a cursar o mestrado.

Dos mais de quatrocentos técnicos com título de mestrado, atuantes no final de 2015, foi apurado que 322 se titulou mestre no período de recorte da pesquisa. Desse universo foram divididos em dois grupos, os Antigos e os Novos, e foram sorteados dezesseis nomes para serem entrevistados. Os dados iniciais revelaram haver um número maior de técnicos com título de mestre, entre os Novos, por isso adotou-se o critério de entrevistar um número maior destes. Portanto, foi definido que seriam entrevistados seis servidores do grupo dos Antigos e dez do grupo dos Novos.

Conforme já mencionado, o retorno foi aquém do esperado. Decidiu-se partir para um corpo a corpo, entrando em contato via telefone ou pessoalmente com possíveis entrevistados. Fiz uso da minha rede de conhecimentos entre os colegas da Universidade e pedi que esses intermediassem contatos possíveis para a pesquisa me concedendo entrevistas. O processo deu certo e conseguiu-se chegar ao número de quatorze participantes nas entrevistas. Observa-se, no entanto, que

mesmo tendo recorrido à essa estratégia de contato, não se perdeu a heterogenia proposta na escolha das entrevistas como a área do conhecimento e os diversos campi (Centro, Saúde, do Vale)⁸ e a proporcionalidade entre Antigos e Novos.

A cada entrevistado, previamente agendado com dia, hora e local definidos, foi entregue um Termo de Consentimento Informado de Uso de Imagem e de Depoimento, em duas vias, para fins da pesquisa, resguardando o direito de a qualquer momento do andamento desta, o consentimento ser retirado. Feito isso era então solicitado autorização para iniciar a entrevista e gravá-la.

A seguir é apresentado como se organizou o processo para aplicação da metodologia desenvolvida. O recurso do uso da entrevista é um dos instrumentos mais usados em pesquisa social porque, segundo Deslandes:

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa desprentensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada (DESLANDES, 1994, p. 57).

O gravador usado nas entrevistas pertence ao Observatório Cultural da Universidade La Salle – Canoas. As entrevistas ocorreram de meados de outubro de 2016 à primeira metade de dezembro daquele mesmo ano. Ao término de cada entrevista era feita uma combinação com o colega para, caso surgisse a necessidade, voltar a contactá-lo para informações complementares. Todos concordaram. Finalmente o(a) participante era fotografado(a) com a câmera fotográfica do telefone próprio. Quase, todas as entrevistas foram realizadas no local de trabalho dos participantes, exceto uma cuja servidora encontrava-se no final da licença maternidade e, portanto, me recebeu em sua casa, porém em horário previamente estipulado por esses para evitar interrupções no desempenho de suas atividades.

⁸ Campus Centro, composto pela Administração Central (Reitoria), Faculdade de Educação, Faculdade de Arquitetura, Escola de Engenharia, Faculdade de Direito, Museu, Rádio da Universidade, Faculdade de Economia; Campus da Saúde, composto pelo Instituto de Psicologia, Faculdade de Farmácia, Escola de Enfermagem, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Centro de Processamento de Dados; Campus do Vale: Instituto de Letras, Instituto de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Instituto de Biociências, Instituto de Matemática, Instituto de Química, Instituto de Física, Instituto de Informática, Instituto de Geociências.

Concluídas as gravações das entrevistas, iniciou-se o processo de transcrição, que foi feito por mim. Embora implicasse dedicar um tempo relativamente extenso nessa tarefa, optei fazê-lo por considerar imprescindível fazê-lo porque essa prática me colocava novamente no cenário da entrevista e permitiu percepções que passaram despercebidas no momento da gravação.

Após as transcrições, passou-se à Análise de Conteúdo, sobre a qual Bardin traz a seguinte reflexão:

O que é análise de conteúdo actualmente? Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a 'discursos' (conteúdos e continentes) extremamente diversificados (BARDIN, Prefácio, 2010, p. 11).

Justifica-se a escolha pela Análise de Conteúdo, concordando com o que diz CAVALCANTE, CALIXTO e PINHEIRO:

A escolha desse método de análise pode ser explicada pela necessidade de ultrapassar as incertezas consequentes das hipóteses e pressupostos, pela necessidade de enriquecimento da leitura por meio da compreensão das significações e pela **necessidade de desvelar as relações que se estabelecem além das falas propriamente ditas** (grifo meu), (2014, p. 14).

A análise de conteúdo focaliza nas entrevistas, embora haja um roteiro pré-estabelecido, esse limita-se à orientação de quem faz a entrevista, não conhece de antemão o que ainda está por vir. Por isso adota-se o termo desvelar, e é sobre esse desvelamento que o item a seguir se debruça.

3.3 A produção e a análise das narrativas de memórias dos servidores

Quadro 1 – Descrição das categorias construídas e sua definição

CATEGORIA INICIAL	INTENCIONALIDADE
Estímulo	Apurar qual foi o principal estímulo para o servidor decidir-se por cursar o mestrado
Aplicabilidade	Detectar como essa formação obtida, com a realização do curso de mestrado, encontrou ressonância no local de trabalho, nas atividades desempenhadas pelo servidor titulado.
Impacto pessoal	Perceber como a formação no mestrado impactou o servidor na sua vida pessoal e profissional.
Título (sentimento)	Verificar como o servidor declara sentir-se no momento da obtenção do título de mestre.

CATEGORIA INICIAL	INTENCIONALIDADE
Projetos futuros	Indagar sobre os projetos futuros dos servidores, considerando a titulação no mestrado.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das categorias que emergiram a partir da adoção da técnica de análise de conteúdo, 2017.

As categorias iniciais possibilitaram o aparecimento das seguintes categoriais fins. Estímulo: Estudar, Retorno Financeiro, Desafios Pessoais; Aplicabilidade: Reconhecimento Profissional, Construção de Conhecimento, Lustro Acadêmico; Impacto Pessoal: Realização, Curiosidade de Pesquisa, Pensamento Estratégico; Evolução, Impacto Financeiro; Titulação: Realização, Dever Cumprido, Indiferente, Capaz, Credibilidade, Não Mencionou; Projetos Futuros: Cursar Doutorado, Empregado, Desemprego Oculto, Aposentar-se, Viajar, Aberto a Novas Possibilidades.

O capítulo 3 procura relacionar as narrativas agrupadas nas categorias apresentadas com o percurso formativo dos Técnico-Administrativos em Educação da UFRGS.

4 RELAÇÃO DAS NARRATIVAS COM AS MOTIVAÇÕES PARA CURSAR O MESTRADO

Se a memória é reconstruída a cada vez que é evocada, Bosi diz que:

para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado (BOSI, 1994, p. 413).

E é esse fio que puxa pelas lembranças que é pinçado quando alguém começa a falar sobre seu percurso de vida e, embora todos tracem itinerários parecidos, nenhum é idêntico, a história de cada um é única, conforme será apresentada nesse capítulo que se inicia. São quatorze vozes que falam em nome dos trezentos e vinte e dois Técnico-Administrativos em Educação que atuam na UFRGS, nos diferentes níveis de cargos, que obtiveram o título de mestre entre 2005 e 2015.

A maior concentração de mestres está entre aqueles que ocupam cargos de nível superior como Engenheiro, Técnico em Assuntos Educacionais, Historiador, Veterinário, Arquiteto, as idades desses servidores variam entre 25 e 67 anos e a maioria são mulheres.

4.1 A memória trazida construída pelos Técnico-Administrativos em Educação quando de sua escolha pelo mestrado

Nesse momento do trabalho são apresentadas falas daqueles que dizem de si, de suas memórias, e suas motivações para cursarem o mestrado apontando quais as consequências dessa escolha em suas vidas. O grupo de entrevistados está dividido em Antigos e Novos.

O grupo dos Antigos É assim definido por possuírem mais de vinte anos de trabalho na Instituição. Esse grupo de técnicos é composto por 73 servidores e corresponde a 23% do universo de 322 titulados no mestrado no período. São em número de cinco os representantes desse grupo na amostragem e são identificados no quadro 2, pelo sobrenome, cargo que ocupam na UFRGS, curso que se titularam na graduação e o curso da titulação do mestrado.

Quadro 2 – Identificação dos Técnico-Administrativos em Educação entrevistados pertencentes ao Grupo dos “Antigos”

Nome	Cargo	Curso Graduação	Curso Mestrado
Ribeiro, M. A. R.	Relações Públicas	Comunicação Social	Mem. Soc. Bens Cult.
Ungaretti, H. R.	Assistente em Administração	Ciências Contábeis; Direito	Mem. Soc. Bens Cult.
Job, I.	Bibliotecária	Biblioteconomia e Comunicação	Ciência da Informação
Rodrigues, N. F.	Administradora	Administração	Mem. Soc. Bens Cult.
Gondim, V.	Administradora	Administração	Mem. Soc. Bens Cult.

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponibilizados pela PROGESP – Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

Do grupo dos cinco servidores técnicos representados na pesquisa como pertencente aos Antigos, quatro ocupam cargos de nível superior, a saber: dois Administradores, uma Bibliotecária e um em Relações Públicas; um servidor ocupa cargo de nível médio: Assistente em Administração. Os cursos das graduações são: dois titulados em Administração, um em Biblioteconomia, um em Comunicação, um em Comunicação Social e um Técnico é graduado em dois cursos: Ciências Contábeis e Direito. Dos cinco servidores aqui apresentados, quatro são titulados no mestrado em Memória Social e Bens Culturais e um em Ciência da Informação.

O grupo dos Novos apresenta o grupo de servidores Técnico-Administrativos em Educação, identificados desta forma, porque atuam na UFRGS a menos de dez anos⁹. Nesse grupo encontram-se 242 servidores técnicos que correspondem a 75% do total de 322 titulados no mestrado. A pesquisa entrevistou nove servidores para fins de amostragem. Aqui eles também são identificados pelo sobrenome, cargo, curso da graduação e curso do mestrado, conforme apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 – Identificação dos Técnico-Administrativos em Educação entrevistados pertencentes ao Grupo dos “Novos”

Nome	Cargo	Curso Graduação	Curso Mestrado
Schneider, A.	Revisor de Texto	Letras	Letras
Pegoraro, C.	Arquiteta	Arquitetura e Urbanismo	Eng. - Sistemas de Produção
Cunha, C. S.	Bibliotecária	Biblioteconomia	Patrimônio Cultural
Devincenzi, D. S.	Assistente em Administração	História	História
Pereira, F. C.	Engenheiro Eletricista	Engenharia Elétrica	Engenharia Elétrica
Selister, M. R.	Técnico em Assuntos Educacionais	Letras	História
Tonioli, R. M.	Arquiteta	Arquitetura e Urbanismo	Arquitetura

⁹ No ano de referência 2015.

Nome	Cargo	Curso Graduação	Curso Mestrado
Bueno, R. C. S. S.	Técnico em Assuntos Educacionais	Letras	Educação
Soares, T. R.	Técnico em Assuntos Educacionais	História	Mem. Soc. Bens Cult

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponibilizados pela PROGESP – Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

Do grupo dos nove técnicos pertencente ao grupo dos Novos, oito ocupam cargos de nível superior: um Revisor de Texto, dois Arquitetos, um Bibliotecário, um Engenheiro Eletricista, três Técnicos em Assuntos Educacionais e um ocupa cargo de nível médio: Assistente em Administração. As graduações são: três em Letras, duas em Arquitetura e Urbanismo, uma em Biblioteconomia, uma em História, uma em Engenharia Elétrica e uma em História. Os títulos obtidos no mestrado são nos seguintes cursos: um em Letras, um em Engenharia – Sistemas de Produção, um em Patrimônio Cultural, dois em História, um em Arquitetura, um em Educação e um em Memória Social e Bens Culturais.

Ao realizar a análise de conteúdo das entrevistas emergiram, primeiramente, cinco categorias cujo método, de acordo com “Minayo (2007), consiste num processo de redução do texto às palavras e expressões significativas” (*apud* CAVALCANTE, CALIXTO e PINHEIRO, 2014, p. 16). As categorizações foram assim denominadas: Estímulo, Aplicabilidade, Impacto Pessoal, Título (sentimento) e Projetos Futuros.

A categoria¹⁰ **Estímulo** foi a primeira que apareceu por estar diretamente vinculada ao problema de pesquisa e estar subentendida na proposta da entrevista cuja intencionalidade, ao investigar o percurso formativo do corpo técnico, é justamente chegar a essa informação e suas decorrências. Após elaboração das sínteses, o refinamento das análises trouxe à tona outras categorias, decorrentes da primeira, - assim chamadas - as categorias finais. A saber: Estudar, Retorno Financeiro e Desafios Pessoais.

Na categoria final Estudar, como principal estímulo para cursar o mestrado, inscrevem-se os Técnicos Ungaretti, Cunha, Rodrigues, Pereira, Bueno, Pegoraro, Gondim, Soares e Devincenzi que, conforme as falas a seguir descritas remetem ao pensamento de Charlot referindo-se ao ato de educar-se,

¹⁰ As categorias estão negritadas para melhor destacá-las no texto.

a educação é uma produção de si por si mesmo, mas essa autoprodução só é possível pela mediação do outro e com sua ajuda. Ninguém poderá educar-me se eu não consentir, de alguma maneira, se eu não colaborar; uma educação é impossível se o sujeito a ser educado não investe pessoalmente no processo que o educa (CHARLOT, 2000, p. 54).

Percebe-se nos trechos das falas, a relação entre o ser humano e o saber, referendando a afirmativa de Charlot (2000) de que o homem constrói a si em relação com o mundo que o cerca através da relação de saber esse mundo. Como vê e age diante do desafio de estar sempre aprendendo.

Este sentimento aparece quando em Ungaretti diz: “A minha principal motivação é poder voltar a estudar e a minha ideia era trazer um pouco dessa minha experiência pro mestrado na Administração...” (UNGARETTI, 2016).

Da mesma forma Rodrigues diz: “Porque eu queria contribuir com meus colegas que estão aqui e com aqueles que virão, trazendo um pouco do meu conhecimento em uma dissertação porque o mestrado era para me melhorar” (RODRIGUES, 2016).

Percebe-se nessas duas falas o desejo de partilhar com outras pessoas o conhecimento adquirido com a experiência de anos de trabalho. São as falas de duas servidoras pertencentes ao grupo dos Antigos e que trazem consigo as memórias de um tempo onde o aprendizado da prática profissional era ensinado por outros colegas mais experientes no setor.

O desejo de estudar segue sendo o mote principal para estas pessoas, porém, combinado com o desejo de vencer limitações internas e externas, como percebe-se na fala de Gondin:

Eu disse que a minha grande frustração era não ter feito o meu mestrado em Sociologia, que era um sonho lá da juventude, e ter a possibilidade de retomar os estudos, fazendo aquilo que eu gosto, é a chance de transformar essa grande frustração em uma realização maior ainda (GONDIM, 2016).

E também nas palavras de Bueno:

Eu, desde que conheci a UFRGS, ainda na condição de estagiária na Creche Francisco Zácara, eu comecei a almejar não só a graduação mas o próprio mestrado, foi uma coisa que lá já começou a plantar uma sementinha assim, (BUENO, 2016).

Para Pegoraro que diz “eu sempre tive muito interesse, eu sempre gostei dessa parte de ver o todo, sempre fui muito de coordenar e isso não tive na minha graduação” (PEGORARO, 2016), o curso de mestrado era uma complementaridade aos conhecimentos adquiridos anteriormente como estudante da graduação.

O mesmo ocorre na fala de Soares:

Ah, para mim a educação era uma válvula de escape! Era a oportunidade de conhecer o mundo e me relacionar diferente com tudo isso que existe! Poder cursar o mestrado era a oportunidade de prosseguir nessa paixão que é para mim, estudar (SOARES, 2016).

O foco no estudo também é destacado por Devincenzi:

Quando eu ingressei na graduação, à medida que o curso ia avançando, antes de terminar, então eu quis, já com a experiência anterior, lá do sexto semestre, lá da Santa Casa, eu queria aproveitar pro meu projeto de mestrado... (DEVINCENZI, 2016).

Charlot (2000) fala sobre as diferenças entre motivação e mobilização para aprender. Diz que a primeira é externa, ou seja, é provocada de fora para dentro, porém, o que leva o ser humano a fazer escolhas e lutar por elas é a mobilização, aquilo que é genuíno, que tem sua origem no âmago de cada pessoa. Acredita-se que esses dois elementos, trazidos por Charlot, estão presentes nas falas apresentadas para ilustrar a categoria Estudar, dentro da categoria inicial **Estímulo**.

Seguindo ainda dentro da categoria inicial **Estímulo**, emergiu a categoria final identificada como Retorno Financeiro, como incentivo preponderante para realizar o mestrado. Essa categoria abriga os Técnico-Administrativos Ribeiro, Schneider e Tonioli, conforme suas falas a seguir descritas.

Para Ribeiro a inspiração veio:

Comecei observando o sacrifício que algumas pessoas faziam para estudar, tendo que viajar, etc., mas mais adiante, a política governamental foi o estímulo que faltava para cursar o mestrado. E isso tudo foi pelo incentivo que o governo do Lula (...) que nos deu incentivo (RIBEIRO, 2016).

Já Schneider lembra que:

No meu caso, recém formado na faculdade - ainda não trabalhava na UFRGS - precisava de uma renda para ajudar a me manter, optei por tentar o mestrado e eu me dedicaria a ponto de conseguir uma bolsa de mestrado e quem sabe já teria ali um alívio financeiro (SCHNEIDER, 2016).

Tonioli contribui dizendo que:

A princípio, eu não cogitava fazer o mestrado, mas com essa questão da progressão, com incentivo à qualificação, e que a gente tem um aumento muito grande do salário, se tem o pós-graduação ou o mestrado, eu comecei a pensar a possibilidade de fazer. A motivação inicial foi essa (TONIOLI, 2016).

O incentivo financeiro é garantido aos servidores Técnico-Administrativos em Educação das Universidades Federais brasileiras, pelo plano de carreira aprovado em 2005 pela presidência da República, implantado na UFRGS a partir de 2006.

Para os Técnicos Job e Selister a principal inspiração para cursar o mestrado veio como Desafio Pessoal, de acreditar-se capaz de dar esse passo acadêmico que impactaria suas vidas pessoal e profissionalmente também.

O Técnico-Administrativo em Educação, que atua na UFRGS, vem de uma cultura¹¹ na qual, dependendo do setor que atua e do cargo que ocupa, não carece de maior titularidade acadêmica. Porém, ao frequentar outros espaços, entrar em contato com colegas de outras instituições, o modo de olhar para o mundo e para si é influenciado por esses movimentos na sociedade e retorna para o indivíduo como questionamentos pessoais, semelhantes ao desta fala: “Nesses espaços eu conheci gente que estava fazendo mestrado, doutorado. Aí eu senti, acho que posso fazer o mestrado também”, (JOB, 2016). E reiterado nesta:

porque eu achava que o mestrado não tava no meu horizonte, que eu nunca ia alcançar, que era demais pra minha cabeça - que não ia ter chance... Eu sempre achava que mestrado era demais pra mim e o que me desafiou foi me colocar numa situação comparativa. Tem gente, terminando doutorado e eu tô aqui me mixando pro mestrado (SELISTER, 2016)?

Estas duas falas em destaque acima pertencem a duas servidoras, uma representante de cada grupo, ou seja, uma dos Antigos e outra dos Novos, o que denota, no caso da Nova, uma influência da cultura que acreditava, principalmente

¹¹ Seja por não ter antes de 2005 um plano de carreira que contemplasse titulação acadêmica, seja porque criou-se uma crença de que mestrado e doutorado era mais indicado para os docentes.

antes do advento do novo plano de carreira para os técnicos, que os cursos de pós-graduação eram mais indicados e necessários para os servidores docentes.

A incursão pelas memórias dos Técnicos representantes dos dois grupos, Antigos e Novos, revelou aspectos da mudança estrutural no serviço público, mas, principalmente, o movimento desses servidores para cursarem o mestrado, tendo no desejo de estudar sua principal motivação, como mostram os dados a seguir descritos.

Portanto, a categoria **Estímulo**, desdobrada em outras três, apresenta os seguintes resultados: 09 servidores Técnicos, equivalente a 64%, encontraram no ato de Estudar sua principal motivação para cursar o mestrado; 03 Técnicos, ou 21%, viram no retorno financeiro o impulso determinante para cursar o mestrado e 02 Técnicos, 14%, se decidiram pelo mestrado como um desafio pessoal a ser transposto.

A segunda categoria inicial a emergir através da análise de conteúdo é **Aplicabilidade** e está relacionada com o uso do conhecimento adquirido no mestrado aplicado no trabalho realizado nas rotinas dos Técnico-Administrativos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ao analisar essa categoria ela desdobrou-se em outras três categorias fins: Reconhecimento Profissional, Construção do Conhecimento e Lustro Acadêmico.

Na categoria Reconhecimento Profissional inserem-se os Técnicos Ungaretti, Job, Rodrigues, Gondim, Bueno, Devincenzi e Selister, totalizando 7 servidores que equivalem a 50% do total de representantes.

Quando indagados sobre a aplicabilidade dos conhecimentos obtidos no mestrado, no local de trabalho na UFRGS, as respostas indicaram que este grupo percebeu a **Aplicabilidade** manifestada através do Reconhecimento Profissional, conforme os trechos das falas descritas a seguir.

Ungaretti destaca a importância da pesquisa realizada e como essa foi aproveitada:

Olha, o meu trabalho foi uma pesquisa documental, buscando a história. Então a minha proposta foi instrumentalizar - eu organizei um dossiê que pudesse embasar - um novo pedido da Universidade de tombamento pelo IPHAE e isso teve retorno imediato para o trabalho que desenvolvo hoje (UNGARETTI, 2016).

Job salienta a mudança de tratamento por parte da chefia:

Quando eu voltei o nível já era outro. Eu era convidada pra organizar a revista, antes me entregavam o boneco e é assim, assim, assim. E aí sim eu senti bastante valorização, eu não fiquei no anonimato no meu conhecimento (JOB, 2016).

Rodrigues fala do empoderamento que o conhecimento trouxe e lhe tornou mais segura profissionalmente:

Quando eu terminei o curso de mestrado agreguei valor para o meu trabalho. Até para eu dialogar melhor com esses órgãos de controle de patrimônio, IPHAN, IPHAE, então eu me senti mais habilitada, eu me senti mais segura para trabalhar nessa área (RODRIGUES, 2016).

Gondim, trocou de setor no trabalho:

O conhecimento adquirido me modificou tanto que quando eu voltei para o meu setor, minha chefia me disse: "Você agora não tem mais aquele perfil do passado. Você agora tem outro perfil. Você pode escolher trabalhar noutros lugares". Fiquei surpresa e ao mesmo tempo feliz, porque pude escolher trabalhar em um lugar que tinha mais a ver com o que estudei. Fui para o Museu da UFRGS (GONDIM, 2016).

Bueno e o reconhecimento profissional:

No meu caso, como narrei antes, eu conheci a UFRGS estagiando na Creche, e eu nem era aluna daqui ainda! Ingressei como aluna, como técnico e agora que terminei meu mestrado em Educação estou indo pra Creche da UFRGS onde eu vou coordenar a parte pedagógica do turno da tarde e vai ser um novo desafio porque eu to voltando pra um lugar que eu já trabalhei cinco anos em sala de aula e agora eu to voltando como coordenadora, graças ao mestrado (BUENO, 2016).

Divincenzi diz que: "Para mim há uma relação direta em termos de temáticas que eu trabalhei na pós-graduação e agora nos meus projetos desenvolvidos no Setor de Patrimônio Histórico" (DEVINCENZI, 2016).

Selister também percebe a mudança positiva, manifestada nessa fala: "Já comigo, no ambiente de trabalho eu vejo assim (...), de repente, por saberem que eu tenho mestrado, parece assim que é um pouco diferente. Isso eu noto" (SELISTER, 2016).

Essa categoria final Reconhecimento Profissional, dentro da categoria inicial **Aplicabilidade** demonstrou que metade do grupo dos entrevistados (50%), no geral, se identificou como obtendo reconhecimento profissional devido aos conhecimentos

adquiridos durante o curso de mestrado, oportunizando, inclusive, mobilidades profissionais, como as evidenciadas nas falas de Gondim e Bueno (2016).

Para Schneider, Ribeiro, Pereira, Tonioli e Pegoraro, a **Aplicabilidade** se dá através da Construção de Conhecimento adquirido ao longo do mestrado. Os 5 técnicos que se inserem nessa categoria correspondem a 36% da categoria inicial, Aplicabilidade.

Para Schneider: “O mestrado me trouxe autoconhecimento, ensinamento de como lidar com a pressão e os prazos” (SCHNEIDER, 2016).

Já Pegoraro viu a construção do conhecimento adquirido dessa forma:

O mestrado pra mim foi um divisor de águas porque ele me preencheu daquele vazio que eu tinha da graduação, que eu não sabia o que eu queria fazer. Eu tinha simpatias. Me sentia profissionalmente incompleta com o que aprendi na graduação e o mestrado me trouxe essa completude (PEGORARO, 2016).

Cunha percebeu assim:

Para mim eu acho que mais a questão, assim, filosófica digamos, da área. Discussões em torno do que é patrimônio, de como essas avaliações são subjetivas, do quanto elas dependem de uma percepção coletiva. Não do ponto de vista prático (CUNHA, 2016).

Pereira, desde o início, pensava o conhecimento adquirido dessa maneira: “Quando comecei a pensar no mestrado comecei a tentar focalizar alguma coisa que auxiliasse também no trabalho aqui na UFRGS, esse era o foco” (PEREIRA, 2016).

Tonioli diz que: “Eu consegui me apropriar de uma série de coisas e pesquisar, gerar um documento bem bom na minha dissertação. Hoje a gente usa aqui como fonte de pesquisa sobre os prédios porque ficou bem sistematizado” (TONIOLI, 2016).

Para esse grupo de Técnicos, a **Aplicabilidade** do conhecimento obtido no mestrado está diretamente relacionada com o uso desse conhecimento no trabalho desenvolvido dentro da Universidade, seja em termos de conteúdo direto ou no modo de reagir a pressões, como revela a fala do entrevistado Schneider (2016).

Para Soares, embora não haja a aplicação direta, percebe na realização do mestrado o Lustrado Acadêmico, 1 representante que corresponde à proporção de 7%.

Eu não queria estudar sobre as memórias diretamente relacionadas com o meu trabalho, então fui fazer mestrado naquilo que eu gosto que é sobre memória, porém a História dialogando com a Literatura. O quê que ele me possibilita? Conhecimento. E aí eu te digo assim, conhecimento, independente de ser gestão, do que for, ele interfere diretamente na tua conduta enquanto profissional. Ele me fornece subsídios para que eu possa desempenhar melhor, e cada vez melhor, as minhas funções (SOARES, 2016).

Em proporção menor aparecem servidores técnicos que realizaram o curso de mestrado em área que não está diretamente relacionada com seu trabalho na UFRGS, mas há o reconhecimento de que o conhecimento adquirido está presente no seu dia a dia, nas atitudes, modificando o olhar para aquilo que se apresenta.

Não houve aplicação direta no trabalho, do conhecimento adquirido no mestrado, para Ribeiro, 1 Técnico, que representa 7% do grupo.

Conforme demonstrado, a categoria inicial Aplicabilidade desdobrou-se em outras três categorias finais: Reconhecimento Profissional, Construção de Conhecimento e Lusto Acadêmico, sendo que Reconhecimento Profissional é o retorno para 50% dos entrevistados, seguido pela Construção de Conhecimento para 36% e correspondendo a Lusto Acadêmico aparece a proporção de 7%. Não houve aplicação direta, não é considerada categoria mas corresponde a 7% do universo representado.

A terceira categoria inicial que apareceu foi **Impacto Pessoal** e revela as consequências do mestrado para os Técnico-Administrativos em Educação da UFRGS. A análise de conteúdo dessa categoria trouxe memórias que exibiram outras cinco categorias finais: Realização, Curiosidade de Pesquisa, Pensamento Estratégico, Evolução e Impacto Financeiro.

Na categoria final Realização inscrevem-se os Técnicos Job, Rodrigues, Bueno, Pegoraro, Selister e Soares, totalizando 6 servidores que correspondem a 44% do todo.

Job destaca que: “Esses estudos todos que a gente faz esforço todo que a gente faz de manter o foco, buscar alguma coisa que tu gostes, não fazer um curso por fazer porque a gente não consegue fazer um curso por fazer” (JOB, 2016).

Rodrigues destaca os sentimentos: “Cursar o mestrado, prá mim, eu sou eternamente grata a essa Instituição, me emociono. Foi alguma coisa que eu fiz

assim, com amor. Foi um grande desafio para eu ter feito esse trabalho. Isso me enche de alegria” (RODRIGUES, 2016).

Bueno reconhece-se no trabalho desenvolvido no mestrado:

Eu fiquei muito satisfeita. Eu sempre falo, pode não ter ficado o melhor trabalho que deveria ter ficado, mas eu pude fazer ele com dedicação exclusiva e fiz o melhor que eu pude. Eu me dediquei e dei o meu máximo. O máximo até pode não ter sido o suficiente, mas foi o meu máximo. Então isso sempre me deixa muito satisfeita (BUENO, 2016).

Pegoraro destaca a complementaridade obtida: “Eu me encontrei no mestrado, porque o conhecimento que tive com o curso me completou profissionalmente e lá também encontrei o amor da minha vida” (PEGORARO, 2016).

Selister, realiza-se ao ter seu trabalho citado:

Sabe, é bacana hoje ver a minha dissertação sendo citada por outros. Essa semana eu vi um trabalho que a minha dissertação tá sendo citada. É bacana assim que alguém tá lendo o teu trabalho, nem é por citar, mas alguém tá lendo o que eu escrevi. Isso é muito bacana (SELISTER, 2016).

Soares diz-se feliz: “Eu te digo com toda a certeza que o caminho que eu escolhi é gratificante, eu escolhi. Ao final do dia eu me sinto viva! Eu me sinto feliz, sabe” (SOARES, 2016).

Essa categoria final revela que a Realização por ter cursado o mestrado não se restringe ao plano profissional, repercute no plano pessoal também, conforme ficou demonstrado. Além da Realização, outra categoria final emergiu no estudo realizado, apresentada a seguir.

Para 4 Técnicos, 28% do total, o **Impacto Pessoal** ao realizar o curso de mestrado se faz presente na categoria final Curiosidade de Pesquisa. São eles: Ungaretti, Ribeiro, Tonioli e Devincenzi.

Ungaretti descreve como vê o trabalho na UFRGS a partir do mestrado:

Vou te dizer o principal impacto que o mestrado me trouxe é, assim: O mestrado ajuda muito a ver a relação de trabalho que a gente tem aqui dentro, de uma forma diferente. Eu acredito que, se eu viesse pra cá mesmo assim, trabalhar dentro do setor de acervo fotográfico, eu acho que eu veria ele completamente diferente da forma como eu vejo hoje. [...] Me agregou muito porque qualificou demais, ou mais ainda, aquele olhar, aquela paixão que eu sempre tive pela memória (UNGARETTI, 2016).

Ribeiro demonstra o orgulho de tornar-se mestre:

Em mim, o mestrado aguçou mais ainda o meu olhar investigativo além do título me colocar noutra lugar dentro da academia. [...] quando o professor [...] perguntou: e tu, é estudante do pós-graduação? Digo: Não, já sou mestre! Já fiz as disciplinas optativas do doutorado. Isso te dá... tu ficas... tu chegas com olhar de pesquisador (RIBEIRO, 2016).

Tonioli e a ampliação do conhecimento: “Quando eu cursei o mestrado eu consegui me apropriar de uma série de coisas e pesquisar, gerar um documento bem bom na minha dissertação” (TONIOLI, 2016).

Devincenzi descreve como o mestrado o impactou:

A experiência de cursar o mestrado, para mim, foi um por vezes uma tarefa angustiante, mas ao fim e ao cabo, é algo importante por dois aspectos: é a continuidade dos estudos, [...] além disso, tratava-se de uma meta pessoal, algo que eu realmente achava que deveria fazer e concluir (DEVINCENZI, 2016).

Independentemente desse grupo de técnicos, aqui representados, seguirem seus estudos acadêmicos com o doutorado ou não, o espírito do pesquisador se consolidou a partir do curso de mestrado.

Pensamento Estratégico é o principal **Impacto Pessoal** para Schneider e Pereira, 2 Técnicos que respondem por 14% do total.

Schneider traz um dos resultados da experiência:

Uma das coisas que a experiência de fazer o mestrado me trouxe é o fato de lidar, de como tu resolve problemas dentro do teu projeto, são formas que tu vai aproveitar depois, tu vai organizar melhor as tuas ideias. Isso, conseqüentemente, tu traz pro teu dia a dia, não só na vida profissional, pessoal também (SCHNEIDER, 2016).

Pereira acompanha o pensamento de Schneider ao dizer que: “As próprias soluções de alguns problemas, isso também te auxilia, embora não seja uma coisa focalizada naquilo que, por exemplo, aquela coisa no mestrado você vai aplicando isso, até na vida pessoal mesmo” (PEREIRA, 2016).

Esses dois técnicos refletem sobre outro aspecto que a realização do mestrado impacta, a questão de desenvolver a habilidade do pensamento estratégico, aplicado tanto no trabalho quanto na vida pessoal.

Evolução é a categoria que emergiu dentro de **Impacto Pessoal** para Gondim, 1 Técnico e correspondente a 7% do todo.

Gondim avalia o próprio crescimento ao dizer: “Mas foi uma evolução, foi uma evolução com uma determinação e uma vontade que eu desconhecia” (GONDIM, 2016). Talvez a palavra que melhor represente essa fala seja superação, porque houve um desabrochar para a vida, para um novo saber, para essa participante da pesquisa. A ponto de decidir-se pela aposentadoria em breve para poder dedicar-se integralmente ao doutorado.

O principal **Impacto Pessoal** com a realização do mestrado para 1, 7%, Técnico foi o Financeiro.

Para Cunha: “Para mim, assim, diretamente, o impacto maior da realização do mestrado se reflete no aspecto financeiro porque repercutiu na progressão na carreira” (CUNHA, 2016).

A categoria inicial **Impacto Pessoal** contém as categorias: Realização, Curiosidade de Pesquisa, Pensamento Estratégico, Evolução, Impacto Financeiro e apresentam os seguintes resultados: Realização (36%); Curiosidade de Pesquisa (36%); Pensamento Estratégico (14%); Evolução (7%) e Impacto financeiro (7%).

A quarta categoria inicial a aflorar foi **Titulação** (sentimento) e tem como foco revelar os sentimentos experimentados pelos Técnicos da UFRGS ao serem titulados no mestrado. A exemplo das categorias anteriores, ao ser analisada, dessa surgiram outras 6 categorias finais: Realização, Dever Cumprido, Indiferente, Capaz, Credibilidade, Não Mencionou.

Ao titular-se no mestrado o sentimento de Realização foi o que preponderou para 6 Técnicos: Job, Ribeiro, Gondim, Rodrigues, Bueno e Pegoraro, responsáveis por 43% do total de entrevistados.

Para Job: “Quando tu concluis o mestrado, a autoestima é muito boa” (JOB, 2016). Já Ribeiro avalia assim: “No meu caso eu me senti outra pessoa! Quando a Secretária lê aquela ata e se refere a ti como Mestre... ah! É muito bom” (RIBEIRO, 2016).

Rodrigues destaca os desdobramentos:

A titulação no mestrado para mim foi muito boa! Pelos desdobramentos que a gente tem trabalhado e eu me senti muito melhor dialogando sobre o que

tem de novo. Eu consegui dialogar melhor e trouxe, agreguei valor para o meu trabalho (RODRIGUES, 2016).

Gondim e os planos pós-mestrado: “Quando eu concluí eu já me inscrevi nos congressos. Eu quero participar de tudo que eu puder” (GONDIM, 2016).

Bueno analisa: “Porque eu me dediquei e dei o meu máximo, então, isso sempre me deixa muito satisfeita” (BUENO, 2016).

Para Pegoraro: “Acho que uma conquista assim deve ser comemorada. Sempre fiz festa! Festa de mestrado lá em casa, convidei um monte de gente” (PEGORARO, 2016).

Essa categoria final evidencia o sentimento de cada um dos participantes após apresentar a dissertação. Aquele momento único e está diretamente relacionado com leveza, gratidão, conclusão.

O sentimento ao ser **titulado** foi o de Dever Cumprido, traduzido por alívio, ao concluir o curso de mestrado foi expressado por Schneider, Tonioli e Selister, 3 Técnicos que correspondem a 22% do total;

“Alívio. Essa é a palavra que me define ao concluir a apresentação e ser titulado mestre” (SCHNEIDER, 2016).

Tonioli também menciona o sentimento de alívio:

Ah, alívio! Porque é um peso muito grande, tem que terminar, tem que terminar, mas é uma sensação muito boa, tu ver o produto de toda a tua pesquisa sistematizado. É muito bom assim. Comemorei tudo! É um alívio. Voltei a ter final de semana de novo (TONIOLI, 2016).

Com Selister não é diferente:

Um alívio! Um alívio de terminar porque o mestrado é uma culpa que a gente carrega. Era pra eu tá escrevendo, era pra eu tá não sei o quê. Qualquer atividade de lazer que tu faz, tu faz com culpa! Porque é um compromisso que a gente assume com a Instituição, que a gente trabalha e com a gente mesmo (SELISTER, 2016).

Os Técnico-Administrativos em Educação, Pereira e Cunha, são os 2 que equivalem a 14% dos participantes e não mencionaram explicitamente esse quesito em suas entrevistas o que infere Indiferença em relação à obtenção do título propriamente dito.

O **Título** de mestre trouxe o sentimento que se inscreve na categoria emergida e expressa Capacidade para Soares, um Técnico e equivalente a 7% do total de participantes.

Soares sentiu-se habilitada: “Bom, eu terminei o mestrado, deixa eu te dizer o quê que eu fui fazer, pra ti ver como estudar faz parte da minha vida. Fui fazer seleção pro (sic) doutorado” (SOARES, 2016).

A experiência de ter passado pelo mestrado não só qualificou Soares para o doutorado como deu a ela o sentimento de ser capaz para tal. Apta para seguir em frente no percurso acadêmico.

Maior Credibilidade no seu trabalho foi o sentimento trazido por Devincenzi, um Técnico, 7% do todo, ao receber o título de mestre.

“O título em si não me traz nenhuma vaidade pessoal, mas sinto que há um respeito maior entre meus pares, seja no trabalho, ou seja, na academia pelo fato de ter o mestrado, além de outros títulos acadêmicos” (DEVINCENZI, 2016). Culturalmente os títulos oficiais referendam um saber e é isso que é evidenciado nessa fala.

Os dois Técnicos-Administrativo em Educação Ungaretti e Pereira, correspondem a 14% dos representantes, não fizeram referência a essa categoria.

Das respostas obtidas para a categoria inicial **Titulação** (sentimento) emergiram as seguintes categorias finais com os respectivos percentuais: Realização (43%); Dever cumprido (22%); Indiferente (7%); Capaz (7%); Credibilidade (7%); Não mencionou (14%).

A última categoria inicial a revelar-se na análise de conteúdos foi **Projetos Futuros**, que expressou planos imediatos e também a médio prazo dos Técnico-Administrativos em Educação, em relação ao que planejam realizar em suas vidas. A análise detalhada revelou projetos diferentes entre os entrevistados e isso deu origem a 6 categorias finais: Cursar Doutorado; Empregado; Desemprego Oculto; Aposentar-se; Viajar; Aberto a Novas Possibilidades.

Projetam Cursar Doutorado são os planos para 5 dos Técnicos participantes da pesquisa, equivalente a 36% do total: Gondim, Pereira, Soares, Bueno e Devincenzi.

Pereira explica como funciona o curso de doutorado na sua área:

É uma característica dos cursos da área de engenharia, o desenvolvimento da pesquisa em laboratórios e isso requer trabalho em equipe, conseguir espaço na agenda, etc. Essas ações tomam tempo excessivo e dificilmente cabem no prazo dos cursos de mestrado e doutorado, por isso, a preocupação do Pereira, ante de ingressar no curso de doutorado relaciona-se com a preparação porque demanda tempo de pesquisa e laboratório, preciso obter alguns resultados antes de ingressar no curso (PEREIRA, 2016).

Bueno analisa o término do mestrado e sua preparação para o doutorado: “Terminar o mestrado é uma etapa concluída, mas que te acirra ainda mais a curiosidade de ir atrás e ver o quanto mais a gente não sabe. Doutorado eu queria fazer daqui uns três anos, porque eu queria amadurecer essa ideia ainda” (BUENO, 2016).

Devincenzi tem planos paralelos:

Devincenzi planeja fazer concurso para mudar de nível no cargo técnico e, com a conclusão do doutorado almeja a carreira docente. Eu pretendo dar esse primeiro passo como TAE (Técnico em Assuntos Educacionais) e pretendo seguir carreira docente no nível superior. Não sei se aqui dentro da UFRGS (DEVINCENZI, 2016).

Soares já está no doutorado: “Vou concluir o doutorado dentro do prazo, vou defender e, depois que eu terminar meu doutorado, eu vou pensar sobre a possibilidade de eu deixar de ser técnico para me tornar docente” (SOARES, 2016).

O grupo que se insere nessa categoria final representa, majoritariamente, os técnicos chamados nesse trabalho de Novos e, para alguns desses o plano futuro, após concluir o doutorado, é tornar-se professor universitário.

Filiam-se à categoria **Empregado** aqueles Técnico-Administrativos em Educação que demonstraram em suas falas que se sentem estáveis profissionalmente e não prospectam cursar doutorado ou trocar de emprego a curto ou médio prazo: Tonioli, Pegoraro, Selister, somam 3, responsáveis por 21% do total.

Tonioli condiciona a realização do doutorado:

Se eu fizer doutorado eu vou tentar ser professora né. Porque fazer um doutorado pra ficar engavetado não vou fazer. Doutorado pra ganhar 75%¹² não vou fazer. É muito trabalho, quatro anos... Caso eu faça o doutorado, vai ser pra tentar alguma coisa como professora sim. Só por fazer, eu não vou fazer (TONIOLI, 2016).

Tonioli só considera cursar o doutorado se for para seguir carreira docente. Já Pegoraro (2016), que está gestante, informa que seus planos imediatos estão voltados para o(a) filho(a) que está chegando. Pegoraro já concluiu o doutorado e a entrevista leva a crer que está estabelecida profissionalmente.

Selister fez dois concursos para a UFRGS. Atuou primeiro como técnico nível médio e posteriormente fez concurso para Técnico-Administrativo em Educação, nível superior e não considera cursar o doutorado. “Olha, agora só o que resta é professor, mas esse eu não tenho interesse. Eu vou me sossegar na Universidade como Técnico” (Selister, 2016).

Para esse grupo representante da categoria final Empregado, 2 dos 3 técnicos não possuem o curso de doutorado e avaliam que não pretendem cursá-lo porque se o fizerem será para ingressar na carreira docente. Esses técnicos consideram desnecessária a realização do doutorado para continuarem desempenhando suas atuais funções na UFRGS.

A categoria Desemprego Oculto foi assim nomeada para identificar aqueles Técnicos cujo futuro profissional envolve outras possibilidades, conforme as falas apresentadas por Job, Cunha e Ribeiro, 3 Técnicos, equivalentes a 21% do total.

Eu sempre participei da comissão da Revista Movimento, e eu acho sim que muito em função do mestrado, muito em função do que estudei e desse conhecimento, que foi conhecer o Programa de Pós-Graduação também, que me ajudou a conhecer a área (JOB, 2016).

Job é doutora e já está oficialmente aposentada da UFRGS mas segue trabalhando, como Técnico-Administrativo Convocado, uma modalidade permitida pelas normas da Universidade.

¹² O percentual mencionado (75%) refere-se ao total que o servidor vai conquistando parceladamente ao obter graduação, mestrado e finalmente o doutorado. Salvo se ingressar no cargo já com o título de doutor.

Não tenho mais interesse em dar continuidade à pós-graduação. Vou focar em aprendizados mais objetivos e práticos. Eu to aberta pra outras opções no futuro. Acho que isso é uma característica, inclusive, dos novos servidores (CUNHA, 2016).

Cunha tem pouco tempo de UFRGS, está no grupo dos Novos, e ingressou em um momento em que as reformas nas leis trabalhistas afetam sensivelmente o serviço público também, como aposentar-se com o equivalente a 80% do salário recebido na ativa e sem direito a Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.

Para esses Técnicos, a UFRGS, como local de trabalho, não é mais um lugar definitivo e sim um local de passagem. Um dos fatores que pesa nessa decisão em relação ao futuro é, na análise de alguns entrevistados, que o serviço público está cada vez mais próximo da empresa privada. Os direitos, como a estabilidade, idade para aposentadoria, salários congelados, estão fortemente ameaçados pelas mudanças pretendidas pelo atual governo.

Apenas um Técnico expressou diretamente que seu projeto futuro era aposentar-se: Ungaretti, 1, equivalente a 7%. E assim se declarou:

É claro que a gente sente uma pontinha de tristeza de pensar, mas também eu acho que a Universidade precisa se renovar. Eu acho que é justamente esse sangue novo que vem, eles têm ideias geniais, ele têm humor maravilhoso, então é isso. Assim como a gente quando entrou, estavam os colegas se aposentando... É isso. O mundo gira e... (UNGARETTI, 2016).

Estava prestes a se aposentar quando a entrevistei. Sua fala demonstra que é hora de abrir espaço para o novo chegar à Universidade e também na sua vida porque, segundo a própria, “a vida é feita de ciclos” (UNGARETTI, 2016).

Gondim exultava de alegria ao contar: “Veio a nota, tô fazendo a matrícula essa semana, vou fazer doutorado. Vou, agora eu cheguei, tava numa excitação, pedindo minha aposentadoria, vou me aposentar, virar estudante” (GONDIM, 2016).

Gondim vê a aposentadoria não como um término, mas como uma oportunidade que lhe permitirá cursar o doutorado com dedicação exclusiva. Para Ribeiro que já se aposentou e, sempre que pode, viaja pelo mundo, o doutorado faz parte dos seus planos futuros.

Viajar: Rodrigues 1, 7%; “alternar moradia entre o RS e o Pará” (RODRIGUES, 2016). Rodrigues aposentou-se oficialmente dois dias antes de conceder entrevista

para essa pesquisa, mas ainda estava trabalhando e seu desejo e necessidade iminentes ao deixar a UFRGS é viajar para visitar seu único filho que mora no norte do Brasil.

Declarou-se aberto a novas possibilidades um Técnico, Schneider, corresponde a 7% do total.

Para Schneider (2016) o futuro está em aberto no sentido de que considera cursar o doutorado bem como a possibilidade de sair da UFRGS, se for o caso, para construir uma carreira de docência acadêmica.

Ao analisar a categoria **Projetos Futuros**, outras cinco categorias emergiram e estão assim distribuídas: Cursar doutorado (36%); Empregado (21%); Desemprego Oculto (21%); Aposentar-se (7%); Viajar (7%); Aberto a Novas Possibilidades (7%).

Foi tratado até aqui, de maneira pormenorizada, as memórias dos Técnico-Administrativos da UFRGS refletindo sobre a escolha pelo mestrado e os desdobramentos dessa. A seguir é apresentada a interpretação dos dados obtidos com a análise das categoriais iniciais e categorias finais, no contexto geral.

4.2 Interpretação dos Dados

Ao concluir a análise de conteúdo sobre a categoria inicial Estímulo dos Técnicos para cursarem o mestrado, três categorias finais emergiram. São elas: Estudar; Retorno Financeiro e Desafios Pessoais; sendo que a categoria Estudar representa 64% das motivações, o Retorno Financeiro é responsável por 21% e Desafios Pessoais representa 14% das incitações que levaram os Servidores Técnico-Administrativos da UFRGS a realizarem o curso de mestrado.

A categoria inicial Aplicabilidade desdobrou-se em três categorias finais: Reconhecimento Profissional, Construção de Conhecimento e Lustro Acadêmico, sendo que Reconhecimento Profissional é retorno para 50% dos entrevistados, seguido pela Construção de Conhecimento para 36%; correspondendo Lustro Acadêmico para outros 7%. Não houve aplicação direta, não é considerada categoria mas corresponde a 7% do universo representado.

A categoria inicial Impacto Pessoal contém as categorias finais: Realização; Curiosidade de Pesquisa; Pensamento Estratégico; Evolução e Impacto Financeiro e

apresentam os seguintes resultados: Realização para 36%; Curiosidade de Pesquisa para 36%; Pensamento Estratégico para 14%; Evolução para 7% e Impacto Financeiro para 7% do total dos participantes.

Das respostas obtidas para a categoria inicial Titulação (sentimento) emergiram as seguintes categorias finais com os respectivos percentuais: Realização para 43%; Dever cumprido para 22%; Indiferente para 7%; Capaz para 7%; Credibilidade para 7%; Não mencionou para 14%.

Ao analisar a categoria inicial Projetos Futuros, cinco categorias finais emergiram e estão assim distribuídas: Cursar Doutorado para 36%; Empregado para 22%; Desemprego Oculto para 21%; Aposentar-se para 7%; Viajar para 7%; Aberto a Novas Possibilidades para 7%.

A Tabela 5 apresenta as categorias iniciais, categorias finais e respectivas proporções, considerando os grupos Antigos e Novos dos Técnico-Administrativos em Educação.

Tabela 5 – Descrição das categorias de análise e proporção do conjunto dos entrevistados.

Categoria Inicial	Categoria Final	Proporção
Estímulo	Estudar	64%
	Retorno Financeiro	22%
	Desafios Pessoais	14%
	Total	100%
Aplicabilidade	Reconhecimento Profissional	50%
	Construção de Conhecimento	36%
	Lustro Acadêmico	7%
	Não houve aplicação	7%
	Total	100%
Impacto Pessoal	Realização	36%
	Curiosidade de Pesquisa	36%
	Pensamento Estratégico	14%
	Evolução	7%
	Impacto Financeiro	7%
	Total	100%
Titulação (sentimento)	Realização	43%
	Dever Cumprido	22%
	Indiferente	14%
	Capaz	7%
	Credibilidade	7%
	Não mencionou	7%
	Total	100%
Projetos Futuros	Cursar Doutorado	36%
	Empregado	22%

Categoria Inicial	Categoria Final	Proporção
	Desemprego Oculto	21%
	Aposentar-se	7%
	Viajar	7%
	Aberto a novas possibilidades	7%
	Total	100%

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados a partir da análise de conteúdo das entrevistas, 2017.

Análise da Tabela 5 - Geral, evidenciando os 1º e 2º lugares para os percentuais mais elevados em cada categoria, considerando todos os participantes das entrevistas.

Percebe-se que na análise envolvendo todos os participantes das entrevistas, o estímulo para cursarem o mestrado veio pelo desejo de estudar, em 1º lugar, e o retorno financeiro aparece em 2º lugar, com diferença de 42% entre a primeira e segunda motivação.

A aplicação do conhecimento no trabalho, obtido ao longo do curso de mestrado, é traduzida em reconhecimento profissional para 50% dos entrevistados, ficando em 2º lugar a construção do conhecimento como aplicabilidade da realização do mestrado nas rotinas profissionais na UFRGS.

Quanto ao impacto pessoal por cursar o mestrado, as categorias finais realização e curiosidade de pesquisa empataram em 36% cada.

O sentimento ao titular-se no mestrado foi de realização para 43% dos entrevistados, ficando a sensação de dever cumprido em 2º lugar, correspondendo a 22% das manifestações.

Sobre os projetos para o futuro, cursar doutorado aparece em 1º lugar com 36% das intenções e 22% do total declarou-se estável na UFRGS. Esse é seu ponto de chegada, como Técnico, inclusive para quem já concluiu o curso de doutorado.

A análise de conteúdo específica do grupo dos Antigos referente à categoria inicial Estímulo para cursarem o mestrado, apresenta três categorias finais. São elas: Estudar; Retorno Financeiro e Desafios Pessoais; sendo que a categoria Estudar representa 60% das motivações, o Retorno Financeiro é responsável por 20% e Desafios Pessoais representa 20% dos impulsos que levaram os Servidores Técnico-Administrativos da UFRGS a realizarem o curso de mestrado.

A categoria inicial Aplicabilidade desdobrou-se em três categorias finais: Reconhecimento Profissional, Construção de Conhecimento e Lustro Acadêmico, sendo que Reconhecimento Profissional é retorno para 67% dos entrevistados, seguido pela Construção de Conhecimento para 17%; correspondendo Lustro Acadêmico a 0%. Não houve aplicação direta, não é considerada categoria mas corresponde a 17% do universo representado.

A categoria inicial Impacto Pessoal, contém as categorias finais: Realização; Curiosidade de Pesquisa; Pensamento Estratégico; Evolução e Impacto Financeiro e apresentam os seguintes resultados: Realização para 40%; Curiosidade de Pesquisa para outros 40%; Evolução para 20% e; Pensamento Estratégico e Impacto Financeiro, 0%, não foram apontados.

Das respostas obtidas para a categoria inicial Titulação (sentimento) emergiram as seguintes categorias finais: Realização; Dever Cumprido; Indiferente; Capaz; Credibilidade; Não mencionou. Os resultados obtidos são os seguintes: Realização, abrangeu 100%, portanto, as categorias finais, Dever cumprido (0%); Indiferente (0%); Capaz (0%); Credibilidade (0%); Não mencionou (0%) apresentam índice proporcional zerado.

Ao analisar a categoria inicial Projetos Futuros, cinco categorias finais emergiram: Cursar doutorado, Empregado; Desemprego oculto; Aposentar-se; Viajar; Aberto a novas possibilidades. Cursar doutorado é o projeto para 20% dos Antigos; Empregado, índice zero - 0%; Desemprego Oculto¹³ aparece para 40% dos Técnicos desse grupo; Aposentar-se é o plano para 20%; Viajar, para outros 20%; Aberto a novas possibilidades não foi mencionado, resultado índice 0%.

A Tabela 6 apresenta as categorias iniciais, categorias finais e respectivas proporções, considerando o grupo “Antigos” dos Técnicos-Administrativos em Educação.

¹³ Membros do grupo dos Antigos aparecem na categoria final “Desemprego Oculto” por se encontrarem entre a iminência da aposentadoria e o projeto de atuar, mesmo que na UFRGS, com um outro formato de vínculo.

Tabela 6 – Descrição das categorias de análise e proporção do conjunto dos entrevistados**Antigos**

Categoria Inicial	Categoria Final	Proporção
Estímulo	Estudar	60%
	Retorno Financeiro	20%
	Desafios Pessoais	20%
	Total	100%
Aplicabilidade	Reconhecimento Profissional	67%
	Construção de Conhecimento	17%
	Lustro Acadêmico	0%
	Não houve aplicação	17%
Total	100%	
Impacto Pessoal	Realização	40%
	Curiosidade de Pesquisa	40%
	Pensamento Estratégico	0%
	Evolução	20%
	Impacto Financeiro	0%
Total	100%	
Titulação (sentimento)	Realização	100%
	Dever Cumprido	0%
	Indiferente	0%
	Capaz	0%
	Credibilidade	0%
	Não mencionou	0%
Total	100%	
Projetos Futuros	Cursar Doutorado	20%
	Empregado	0%
	Desemprego Oculto	40%
	Aposentar-se	20%
	Viajar	20%
	Aberto a novas possibilidades	0%
	Total	100%

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados a partir da análise de conteúdo das entrevistas, destacando o grupo dos Novos, 2017.

Análise da Tabela 6, evidenciando os 1º e 2º lugares para os percentuais mais elevados em cada categoria, considerando somente os representantes do grupo dos Antigos.

A análise desse grupo específico revela que o principal estímulo para cursar o mestrado foi o desejo de estudar, conforme o índice de 60% apresentado na tabela acima; ficando o retorno financeiro em 2º lugar, equivalendo a 20% das motivações.

A aplicabilidade do conhecimento oriundo do mestrado se dá através do reconhecimento profissional para 67% dos Antigos; ficando a construção do conhecimento em 2º lugar nessa categoria principal.

Quanto ao impacto pessoal com a realização do curso do mestrado, 40% do grupo declarou-se realizado e outros 40% diz ter aguçado a curiosidade de pesquisa, portanto, nessa categoria, não há classificação de 1º e 2º lugares porque houve empate.

Perguntados na entrevista como se sentiram ao receberem o título de mestres, a resposta foi unânime, 100% declarou-se realizado.

Quanto aos projetos futuros, mesmo estando todos em via de se aposentarem, as manifestações que emergiram são no sentido de desemprego oculto, em 1º lugar, para 40% do grupo, ou seja, na iminência de se aposentar ou já estando aposentado, os projetos são de continuar trabalhando em algum projeto que venha ao encontro dos seus anseios pessoais, que pode ser na própria UFRGS, fora dela e, inclusive, trabalho voluntário. Em 2º lugar, nessa categoria, 20%, aparece o desejo de cursar doutorado.

Ao concluir a análise de conteúdo específica para o grupo dos “Novos” referente à categoria inicial Estímulo dos técnicos para cursarem o mestrado, três categorias finais emergiram. São elas: Estudar; Retorno Financeiro e Desafios Pessoais; sendo que a categoria Estudar representa 67% das motivações, o Retorno Financeiro é responsável por 22% e Desafios Pessoais representa 11% dos impulsos que levaram os Servidores Técnico-Administrativos da UFRGS a realizarem o curso de mestrado.

A categoria inicial Aplicabilidade desdobrou-se em três categorias finais: Reconhecimento Profissional, Construção de Conhecimento e Lustro Acadêmico, sendo que Reconhecimento Profissional é retorno para 38% dos entrevistados, seguido pela Construção de Conhecimento 50%; correspondendo Lustro Acadêmico a 13%. Não houve aplicação direta, não é considerada categoria e nesse grupo corresponde a 0% do universo representado.

A categoria inicial Impacto Pessoal contém as categorias finais: Realização; Curiosidade de Pesquisa; Pensamento Estratégico; Evolução e Impacto Financeiro e apresentam os seguintes resultados: Realização para 44% dos Novos; Curiosidade de Pesquisa para 22%; Pensamento Estratégico para outros 22%; Evolução, não foi mencionada - 0%, e Impacto Financeiro equivale a 11%.

Das respostas obtidas para a categoria inicial Titulação (sentimento) emergiram as seguintes categorias finais com os respectivos percentuais: Realização, 20%; Dever cumprido, 30%; Indiferente 20%; Capaz, 10%; Credibilidade 10%; Não mencionou 10%.

Ao analisar a categoria inicial Projetos Futuros, cinco categorias finais emergiram e estão assim distribuídas: Cursar Doutorado é o projeto para 44%; Empregado, 33%; Desemprego Oculto 11%; Aposentar-se 0%; Viajar 0 %); Aberto a novas possibilidades (11%).

A Tabela 7 apresenta as categorias iniciais, categorias finais e respectivas proporções, considerando o grupo Novos dos Técnicos-Administrativos em Educação.

Tabela 7 – Descrição das categorias de análise e proporção do conjunto dos entrevistados Novos

Categoria Inicial	Categoria Final	Proporção
Estímulo	Estudar	67%
	Retorno Financeiro	22%
	Desafios Pessoais	11%
	Total	100%
Aplicabilidade	Reconhecimento Profissional	38%
	Construção de Conhecimento	50%
	Lustro Acadêmico	13%
	Não houve aplicação	0%
	Total	100%
Impacto Pessoal	Realização	44%
	Curiosidade de Pesquisa	22%
	Pensamento Estratégico	22%
	Evolução	0%
	Impacto Financeiro	11%
	Total	100%
Titulação (sentimento)	Realização	20%
	Dever Cumprido	30%
	Indiferente	20%
	Capaz	10%
	Credibilidade	10%
	Não mencionou	10%
	Total	100%
Projetos Futuros	Cursar Doutorado	44%
	Empregado	33%
	Desemprego Oculto	11%
	Aposentar-se	0%
	Viajar	0%
	Aberto a novas possibilidades	11%
	Total	100%

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados a partir da análise de conteúdo das entrevistas, 2017.

Na Tabela 7 foi contemplado na análise somente o grupo dos Novos, participantes das entrevistas.

Nesse grupo o motivo principal para cursarem o mestrado foi o desejo de estudar para 67% e, em 2º lugar, o retorno financeiro motivou 22%.

A aplicação do conhecimento adquirido com a realização do mestrado é a própria construção do conhecimento para 50%; ficando em 2º lugar o reconhecimento profissional para 38%.

O impacto pessoal por ter cursado o mestrado é motivo de realização para 44% do grupo, empatando em 2º lugar curiosidade de pesquisa e pensamento estratégico, com 22% cada uma dessas categorias.

O sentimento revelado ao perguntado sobre a titulação é de dever cumprido para 30%; aparecendo, em 2º lugar, realização e indiferença com 20% cada.

Sobre os projetos futuros, em 1º lugar, para 44%, cursar o doutorado e considera que a UFRGS é seu lugar de chegada e nela pretende permanecer, 33% dos participantes, responsáveis pelo 2º lugar na categoria empregado.

A pesquisa apresentou as principais motivações que levaram os Servidores Técnicos-Administrativos em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a realizarem o curso de mestrado. O desejo de Estudar apareceu em primeiro lugar, sendo responsável por 64% das respostas obtidas, vindo em segundo lugar o Retorno Financeiro para 22% dos respondentes, ficando o Desafio Pessoal como motivação em terceiro lugar, representando 14% do total.

O desejo de estudar remete à Charlot (2000) e a relação que o ser humano tem com o saber. Essa necessidade de aprender se faz presente no indivíduo desde que nasce, embora não seja ainda uma necessidade consciente porque precisa que outro ser humano o cuide e lhe ensine, mas tão logo comece a perceber o mundo a sua volta a criança percebe que precisa aprender. “Nascer é estar submetido à obrigação de aprender”. (CHARLOT, 2000, p. 51) Essa necessidade é transmitida pela família, pela escola, pelas relações sociais e chega à vida adulta envolvendo o mundo do trabalho, porque para Charlot, “o indivíduo não interioriza o mundo, apropria-se dele, em sua lógica de sujeito, o que é muito diferente” (CHARLOT, 2000, p. 36).

De acordo com Albornoz (2002), a relação do ser humano com o mundo do trabalho, do ponto de vista da cultura judaico-cristã, é a finalidade da existência material do homem contemporâneo. Há que se trabalhar¹⁴ para garantir a sobrevivência. Se alguém não o faz, outros terão que fazer por ele, como a criança que necessita ser cuidada por outro humano para tornar-se humana. Viver em uma sociedade capitalista pressupõe ser útil produtivamente. A necessidade do trabalhador qualificar-se para produzir mais e melhor responde a um anseio pessoal mas que está em consonância com o que a sociedade oferece ao indivíduo e espera deste a devida correspondência.

Schultz (1973) torna isso claro quando remete à teoria do capital humano onde o trabalhador que se qualifica por conta própria – atendendo um desejo pessoal – traz benefícios para si mas também para o mundo do trabalho porque oferece uma mão de obra melhor qualificada com o intuito de alcançar melhor remuneração. Os Técnicos-Administrativos da UFRGS filiam-se a esse perfil de profissional, ao buscarem o aperfeiçoamento profissional antes do plano de carreira atual, quando não havia incentivo. O fizeram motivados por desejos pessoais, para uma realização, porém, aqueles que buscaram o mestrado a partir de 2005, encontraram no plano de carreira aprovado em 2005 a oportunidade de unirem as duas pontas, ou seja, estudar e obter o retorno financeiro dessa qualificação. A Universidade também ganha com o corpo técnico mais qualificado que aplica os conhecimentos auferidos com o mestrado no desempenho de suas funções profissionais. Destaca-se que mesmo o Técnico, cuja pesquisa realizada no curso *stricto sensu* não tenha aplicação direta nas suas rotinas de trabalho, o lustro acadêmico se faz presente e contribui para a qualidade das relações de trabalho, possibilitando inclusive, mobilidade entre o corpo técnico visando aproveitamento adequado dessa força de trabalho. Há também o reflexo na autoestima dos servidores Técnicos que se tornam também mais críticos, conscientes de si, das suas capacidades.

A realização do mestrado para alguns representou a meta atingida, para outros é a motivação para cursar o doutorado e a partir desse almejar novos lugares profissionais, como a docência universitária, dentro ou fora da UFRGS.

¹⁴ Trabalho aqui tem a conotação de esforço humano.

No grupo dos Antigos percebe-se que os diferentes motivos que levaram os Técnicos a cursarem o mestrado tem uma conotação de gratidão, desejo de deixar um legado, deixar sua marca, melhorar a qualidade dos seus serviços para com a Universidade. É uma relação diferente com o conhecimento, com o trabalho, com a academia. É uma motivação altruísta, de dar um retorno. Por tratar-se de um grupo que faz parte da UFRGS desde uma época onde havia marcada distância entre os servidores ocupantes de cargos técnicos e os docentes, isso se reflete na autoestima ao dizer que achavam que o curso de mestrado “não era para mim”. Esse tipo de pensamento é inconcebível em um docente, no entanto, é bastante comum entre servidores Antigos, marcado nas falas: “a minha ideia era trazer um pouco dessa minha experiência pro mestrado...” (UNGARETTI, 2016); “aí eu senti, acho que posso fazer o mestrado...” (JOB, 2016); “ela saía terça-feira de ônibus daqui e voltava quinta-feira de lá (...) mais o incentivo do governo (...) me motivaram.” (RIBEIRO, 2016); “o mestrado, quando eu fui fazer, é porque eu queria me melhorar, para fazer um trabalho melhor” (RODRIGUES, 2016); “quando chegou a minha vez eu disse (...) que era um sonho lá da juventude...” (GONDIM, 2016).

Outra marca revelada pelo estudo, referente aos Antigos, é que são mestres tardios, um reflexo dessa geração.

Comparando os grupos Antigos e Novos, percebe-se algumas semelhanças, como o principal estímulo para cursar o mestrado é estudar, e a realização por ter cursado o mestrado é o principal impacto pessoal para os dois grupos. No entanto, enquanto a aplicabilidade dos recursos obtidos no mestrado se dá através reconhecimento profissional para 67% dos Antigos, para os Novos o que prepondera é a construção do conhecimento, (50%). Outro resultado que chama atenção está relacionado com a titulação de mestre, enquanto para os Antigos é a realização (100%), para os Novos se dilui entre dever cumprido (30%), realização e indiferente figuram no mesmo patamar.

Quanto aos projetos futuros, era esperado que o grupo dos jovens manifestasse maior interesse em cursar o doutorado, o que de fato se confirmou. Mas, a pesquisa mostra também que a realização do curso de doutorado está vinculada a novas perspectivas no campo profissional, migrando para a carreira docente.

Os dois grupos refletem momentos de vida diferente dos profissionais que os compõem e isso se reflete na maneira como se relacionam com a Universidade. Nos Antigos aparece o vínculo emocional, de gratidão, onde a UFRGS “é minha casa” e essa forma de se relacionar, criando vínculos entre as pessoas é o jeito antigo de ser. O grupo dos Novos chega a Universidade com uma perspectiva “mais profissional” porque possui um conhecimento técnico específico mais elevado que aqueles que ingressaram a cerca de vinte, trinta anos. São sinais dos novos tempos e também reflexos de uma Universidade pública que vê seu corpo técnico se transformar, seja por influência de um novo plano de carreira que contempla a educação para todos os níveis dos cargos técnicos, seja porque o nível dos profissionais que se candidatam aos concursos públicos é cada vez mais elevado e faz com que esses cheguem à UFRGS, na maioria, graduados.

Esse é o quadro social (Halbwachs, 2003) no qual são construídas as memórias de um grupo de servidores ocupantes de cargos técnicos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que decidiram cursar o mestrado no decênio 2005-2015. Parte de suas memórias ficam aqui registradas, porém, como não são estáticas (Gondar, 2005) se modificarão a cada ato de lembrar, no entanto, a essência dessa memória permanece enquanto houver alguém para lembrá-la e um grupo para referendar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como servidora do corpo técnico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, pretendi com esse trabalho, conhecer um pouco mais da realidade dos meus colegas e como se relacionam com a educação. O Plano de Cargos e Carreira dos Técnico-Administrativos em Educação - PCCTAE, no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação, implantado pelo governo de Luis Inácio Lula da Silva, traz no seu bojo o incentivo financeiro para o servidor que obtiver titulação acima da exigida para o cargo que ocupa. Sendo assim, a pesquisa quis saber o que motivou os Técnicos da UFRGS a cursarem o Mestrado, a partir da implantação do PPCTAE.

Aparentemente a resposta, para mim, estava dada, mas para isso se faz pesquisa, seja para referendar o que se acredita ou para comprovar que o senso comum não tem caráter científico. A pesquisa quis saber, do grupo de titulados no mestrado entre 2005 e 2015, qual a principal motivação para terem cursado. Os resultados obtidos mostram que a principal motivação para 64% é o desejo de estudar, ficando o retorno financeiro responsável por 21% das motivações.

A partir da motivação a pesquisa apresenta desdobramentos da realização do mestrado como aplicabilidade dos conhecimentos no trabalho na Universidade, retornando em reconhecimento profissional para 67% dos entrevistados; O impacto pessoal desdobra-se em realização pessoal e olhar de pesquisador para 80% dos respondentes; indagados sobre o sentimento de se titular no mestrado, “realização” foi unânime e, quanto aos projetos futuros o doutorado está no horizonte para 36%. Percebe-se esse índice preponderante entre os Técnico-Administrativos em Educação incluídos no grupo dos Novos, ou seja, com até dez anos de trabalho na UFRGS.

A realização dessa pesquisa desfez mitos pessoais, como pensar que o principal grupo que ocorreu aos cursos de pós-graduação *stricto sensu* foi o dos Antigos na Universidade, iguais a mim, ou que o incentivo financeiro seria o impulso principal. Ao realizar as quatorze entrevistas tive a oportunidade de conhecer profissionais beirando à aposentadoria ou até já aposentados, que guardam uma relação de respeito e comprometimento com a Universidade, e Técnicos que

chegaram à Universidade a menos de dez anos e estão transformando essa Instituição com empenho, colocando o melhor de si em favor do ensino, pesquisa e extensão.

A variável tempo de serviço possibilitou dividir os servidores em dois grupos: Novos, que corresponde ao maior grupo, têm entre um a dez anos de casa e correspondem a 75% do universo investigado, e os servidores que têm entre 21 e 37 anos de trabalho na UFRGS, os Antigos, que correspondem a 23% do total.

A pesquisa mostrou que a principal motivação, tanto para os Antigos quanto para os Novos, em realizar o mestrado é o desejo de estudar, de aprender, ficando o fator financeiro em segundo lugar. Mesmo aqueles que declararam em entrevista ter sido esse o estímulo inicial para ingressarem no mestrado, mudaram de ideia à medida que o conhecimento foi transformando sua maneira de ver o mundo a sua volta.

Devido aos dez anos que a Universidade ficou sem poder contratar novos Técnicos, quando o fez teve a oportunidade de receber uma nova geração de profissionais para compor seus quadros, que ingressaram com a graduação concluída e até mesmo o mestrado em andamento. Unificando dados entre Antigos e Novos, a pesquisa revelou que a UFRGS possuía, em junho de 2016, 427 Técnico-Administrativos em Educação, titulados no mestrado, sendo 322 titulados entre 2005 e 2015, que apresentam as seguintes características: a idade desses servidores varia entre 25 e 67 anos e a maioria concentra-se entre 30 e 34 anos, o que equivale a 32% do total; aqueles com idade entre 35 e 39 anos correspondem a 25%, e os que têm entre 50 e 54 anos correspondem a 12%. A maioria dos titulados é mulher (206), equivalente a 64%, e os homens, (116), e representam 34% do total; 74% ocupam cargos técnicos de nível superior, 25% estão no nível médio e 1% em cargos do nível de apoio.

A análise superlativa dos dados quantitativos referente aos Técnico-Administrativos em Educação da UFRGS, que cursaram o mestrado entre 2005 e 2015, revela que a maioria titulada pertence ao sexo feminino, 206 ou (64%), ocupa cargos de nível superior 238 ou (74%), pertence à faixa etária que está entre 30 e 39 anos de idade, 184 que equivalem a 57% e pertencem ao grupo dos Novos - têm

menos de dez anos de tempo de serviço - somando 242 técnicos que correspondem a 75% do total.

Os dados obtidos representam uma parcela dos Técnico-Administrativos em Educação da UFRGS, dentro de um recorte temporal de dez anos, que cursaram o mestrado. É evidente que há muito mais a ser pesquisado, a ser conhecido referente ao corpo técnico e que não é objeto dessa pesquisa, como as áreas que concentram as titulações, lotações que comportam o maior número de titulados no mestrado, outros níveis de titulação, por exemplo. De acordo com o que foi dito no início desse trabalho, a visibilidade dos servidores da UFRGS é maior no corpo docente porque fazem pesquisa, produzem novos conhecimentos e enriquecem a sociedade, no entanto, essas atividades são ancoradas pelo corpo técnico que também atua na Universidade e não é percebido porque se criou uma cultura de que o corpo técnico é auxiliar na realização das rotinas.

Finalizo esse trabalho com a certeza de que o estudo realizado aborda um aspecto relevante referente aos Técnicos-Administrativos em Educação da UFRGS, embora um grupo específico de servidores, aqueles que se titularam no mestrado entre 2005 e 2015, que é o período pós-implantação ao Plano de Cargos e Carreira dos Técnico-Administrativos em Educação que atuam no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação. Despeço-me desse estudo ciente que o tema tem muito a ser investigado, mas espero que minha abordagem sirva de provocação para que mais estudos suscitem sobre os Técnico-Administrativo em Educação atuantes na área de educação. Sou grata por tê-lo feito e à oportunidade de ter vivenciado esse aprendizado.

O produto que acompanha essa pesquisa é uma revista eletrônica, com doze páginas, ilustrada com fotografias dos entrevistados, contendo texto redigido a partir das memórias destes, disponibilizada no Anexo B desta dissertação, bem como no endereço <https://issuu.com/guilhermesfredomiorando/docs/sandramioloimpresso>.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, Suzana. **O que é Trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2002. (Coleção Primeiros Passos; 171)
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Tradução de Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ARRUDA, Maria da Conceição Calmon; MARTELETO, Regina Maria; SOUZA, Donald Bello de. Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 14-24, set/dez 2000.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa / Portugal: Edições 70, 2010.
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: Bauer, Martin W.; Gaskell, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008. p.189-217.
- BERGUE, Sandro Trescastro. **Gestão de Pessoas em Organizações Públicas**. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.
- BONI, Valdete e QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Florianópolis: **Em Tese**, 2005. v. 2, n. 1 (3), jan.-jul/2005, p. 68-80.
Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>
Acesso em: 02/09/2016.
- BOSSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. **Decreto nº 6096, de 24 de abril de 2007**. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI.
Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm>
Acesso em: 05/08/2016.
- BRASIL, Governo Federal. Ministério da Educação. **REUNI – Reestruturação e Expansão das Universidades Federais**. Brasília: MEC, 25/03/2010. Disponível em <<http://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>>
Acesso em 21/06/2016.
- BROSTOLIN, Marta Regina; OLIVEIRA, Evelyn Aline da Costa de. Desenvolvimento profissional: percursos formativos de professores iniciantes. Vitória da Conquista: **Práxis Educacional**, 2015. v. 11, n. 18. p. 301-319.

CAVACO, Carmen. Experiência e formação experiencial: a especificidade dos adquiridos experienciais. [São Leopoldo]: **Educação Unisinos**, set./dez. 2009.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro e PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. João Pessoa: **Inf. & Soc.**, 2014. Est., v. 24, n.1, p. 13-18, jan./abr.

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber**: elementos para uma teoria. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

COGO, Paulo Sérgio Fernandes. Trajetórias Profissionais. In: In: CATTANI, David; HOLZMANN, Lorena. **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 465-470.

DESLANDES, Suely Ferreira et al (Orgs.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

DUBAR, Claude. Formação, trabalho e identidades profissionais. In: CANARIO, Rui (Org.) **Formação em situações de trabalho**. Porto: Porto, 1997, p. 43-52.

FISCHER, Maria Clara Bueno; FRANZOI, Naira Lisboa. Saberes do trabalho: situando o tema no campo trabalho-educação. **Trabalho Necessário**, v. 13, p. 147-172, 2015.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. (Orgs.). **O que é Memória Social?** Contra Capa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2005.

GRAEFF, Lucas. **Memória Coletiva**. In: ENEMON – Dicionário de Expressões da Memória Social, dos Bens Culturais e da Cibercultura. Disponível em: <<http://edicionario.unilasalle.edu.br/?s=mem%C3%B3ria+coletiva>>. Acesso: 15/03/2017.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

KIRSCH, Deise Becker; BOLZAN, Doris Pires Vargas. **Percursos Formativos na Profissionalização Docente**: a Iniciação Científica no Curso de Pedagogia. Santa Maria : UFSM, s/d. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/gtforma/estagio1/b4e28fa0fac65a060b9d1cfef64adff3.pdf>> Acesso em: 01/06/2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. Porto Alegre: **Revista Educação**, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

RICHERS, Leila. **Os diversos temas da memória são tema de “Pensares”**. Vídeo canal Youtube, produzido pela MultiRio, publicado em 24/11/2016.
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DswZozUsdQE>>
Acesso em: 16/04/2016.

SALDANHA, Clezio. **Introdução à Gestão Pública**. São Paulo: Saraiva, 2006.

SCHULTZ, Theodore W. **O Capital Humano**: investimentos em educação e pesquisa. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

APÊNDICE A – CONVITE

Prezado(a) Colega:

Meu nome é Sandra Ledesma, mestranda em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle/Canoas, e estou desenvolvendo minha pesquisa sobre o Percurso Formativo dos Servidores Técnicos-Administrativos em Educação da UFRGS que concluíram o curso de mestrado entre 2005 e 2015. Neste sentido, gostaria de convidá-lo(a) para participar de uma entrevista sobre sua trajetória profissional/acadêmica sobre este processo.

Por tratar-se de um mestrado profissional, além da dissertação, será produzido uma revista, como produto final do meu processo formativo, e versará sobre as memórias produzidas nas entrevistas e das quais haverá registro fotográfico.

Conto com sua prestimosa participação e aguardo sua resposta a esse e-mail a fim de marcarmos data e horário para entrevista.

Atenciosamente,

Sandra Ledesma
Técnico-Administrativo no IFCH
Fone: 51 994563688
Whatsapp: 51 99691-8234

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1. Me apresento e, antes de iniciar a entrevista propriamente dita, agradeço a/ao colega por ter aceitado participar da pesquisa me concedendo a entrevista;
2. Solicito autorização para gravar a entrevista;
3. Inicio falando um pouco de mim, enquanto servidora e estudante de mestrado e com isso justifico meu interesse e necessidade de realizar a entrevista;
4. Solicito a/ao entrevistado que fale de si (vida e família). Isso serve para eu observar como essa pessoa se coloca no mundo; o “artefato = o melhor me é entregue, ou entrega só meio eu, o que é pior, não me entrega nada!) biográfico está sendo construído nessa situação relacional entre mim e o entrevistado; isso varia conforme a pessoa também me lê nesse momento.
 - Onde nasceu;
 - Se a pessoa veio de outro lugar para Porto Alegre, perguntar quando foi essa mudança e como foi para ela;
 - Perguntar se morou em outros lugares, (além daquele que nasceu e Porto Alegre)
 - A família: quantos membros? Irmãos? Quantos? Mais velhos, mais novos?
 - Quando entrou na escola; qual escola? Fez todo “primeiro e segundo grau” na mesma escola?
 - Se tem irmãos, perguntar se seguiram o mesmo percurso escolar.
 - E os pais? São de onde? Estudaram? O quê? Até que etapa?
 - Me fala da tua chegada à faculdade. Como foi? (observar se a pessoa cursou o que queria ou se teve uma outra escolha – esmiuçar como foi esse percurso)
 - Foi o(a) primeiro(a) da família?
 - Chegamos ao mestrado! Repito as questões primeiras da graduação.
5. A partir da fala inicial farei perguntas que aprofundem ou complementem as informações, como: qual a motivação inicial para cursar o mestrado? Se foi em instituição particular/privada, como custeou as despesas?
 - Como chegou ao curso?

- Pq fez esse curso?
- Como foi cursar as disciplinas?
- Como era o relacionamento com colegas de curso?
- Como foi a orientação? (tranquila ou teve problemas?)
- Teve qualificação?
- Quanto tempo você levou para concluir o curso?
- Fale-me de sua apresentação/defesa da dissertação.
- Foi tranquilo? Ficou nervoso?
- Como foi passar pelo crivo da banca examinadora?
- Como foi passar por aquele espaço de tempo em que a banca se reúne à parte para decidir o parecer/nota final?
- . Ok, obtiveste o título. Que consequências isso trouxe para tua vida profissional?
- . A(s) mudança(s) foram imediatas ou, em termos de rotina de trabalho, não mudou nada?
- . Mudou tua relação com teus colegas, chefias?
- . Valeu a pena ter cursado o mestrado?

6. da sua trajetória profissional

- Qual foi teu primeiro emprego? Quando entraste na UFRGS? Já estavas formado(a) ou foi concomitante com o trabalho?

Na tua vida pessoal. Qual foi o impacto de realizar o curso de mestrado?

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DE USO DE IMAGEM E DE DEPOIMENTO

Eu, _____, fui informado(a) de que as informações que estou concedendo serão objeto de uma pesquisa acadêmica realizada pela mestranda Sandra Regina dos Santos Ledesma, sob orientação do Professor Doutor Moisés Waismann e vinculada institucionalmente ao Centro Universitário Unilasalle. Fui informado(a) de que o objetivo do trabalho é realizar um estudo sobre o processo formativo dos servidores técnico-administrativos em educação da UFRGS que realizaram o curso de mestrado entre 2005 e 2015. Estou ciente ainda de que meu depoimento será gravado em áudio, sendo posteriormente transcrito para compor a pesquisa. Estou ciente da possibilidade do uso de minha imagem nessa produção, que não tem fins lucrativos, de maneira que autorizo os pesquisadores a realizar as fotos e imagens que se façam necessárias sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Estou ciente ainda de que meu depoimento será gravado podendo ser posteriormente utilizado no referido material audiovisual. Recebi informações específicas sobre os procedimentos nos quais estarei envolvido (entrevistas informais e documentação audiovisual) e estou ciente de que não há riscos para minha integridade física e moral. O presente documento foi-me apresentado em duas vias, uma para meu próprio uso e outra para ser arquivada pelo(s) pesquisador(es), as quais assino abaixo após ter esclarecido todas as minhas dúvidas em relação à pesquisa. Faço isso resguardando o meu direito de retirar meu consentimento a qualquer momento sem a necessidade de comunicar-me com o(s) pesquisador(es).

Porto Alegre, _____ de _____ de 2016.

Entrevistado(a)

Pesquisadora mestranda

Contato pesquisadores:

Nome: Prof. Dr. Moisés Waismann

Endereço: Av. Vitor Barreto, 2288 – Canoas – RS – CEP 92010-000

E-mail: moises.waismann@unilasalle.edu.br

Fone: (51) 3476-8500

ANEXO B – PRODUTO: REVISTA

*Memórias do
Corpo
Técnico-
Administrativos
em Educação
da UNRC&S*



Sandra Ledesma

PRODUTO DE
MESTRADO PROFISSIONAL

O UNILASALLE
AGORA É
UNIVERSIDADE
LA SALLE.

UNIVERSIDADE 
LaSalle



MEMÓRIAS DO CORPO TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO DA UFRGS

EXPEDIENTE:

Reitor:

Prof. Dr. Paulo Fossatti

Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão:

Profª. Drª. Patricia Kayser Vargas Mangan

Coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais:

Prof. Dr. Lucas Graeff

Profª. Drª. Cleusa Maria Gomes Graebin

Professor Orientador:

Prof. Dr. Moisés Waismann

Banca de Avaliação:

Profª. Drª. Judite Sansom de Bem (UNILASALLE)

Prof. Dr. Lucas Graeff (UNILASALLE)

Profª. Drª. Margarete Panerai Araújo (UNILASALLE)

Profª. Drª. Naira Franzoi Lisboa (UFRGS)

Projeto Gráfico e Editoração:

Guilherme "Smee" Sfredo Miorando

guilhermesmee@gmail.com

SOBRE MIM

Sandra Regina dos Santos Ledesma, graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, (2004). Técnico-Administrativo em Educação da UFRGS, desenvolveu sua pesquisa de mestrado sobre o Percurso Formativo dos Técnico-Administrativos em Educação da UFRGS que cursaram o mestrado entre 2005 e 2015 com o objetivo de conhecer as motivações que levou esse grupo a realizar o curso no referido período. Essa “revista”, produto do mestrado profissional, guarda memórias de representantes dos corpo técnico através de trechos de suas falas gravadas durante as entrevistas.



Sandra Ledesma
Filosofia/UFRGS



Camila Pegoraro
Escola de Engenharia

MINHAS/VOSSAS/ NOSSAS MEMÓRIAS...

Que são da Ivone, do Miguel, da Vânia, da Noêmia, da Helenara, do André, do Fábio, da Renata, da Rita, da Camila, da Catherine, do Diego, da Michelle, da Tanira e de todos os servidores que compõem o corpo Técnico-Administrativo em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Meu trabalho repartiu o grupo de colegas participantes das entrevistas, entre representantes dos Antigos e dos Novos e, ao transitar entre eles, ouvindo suas histórias, eu fui me misturando.



Tanira Rodrigues Soares
Gabinete do Reitor



Miguel Ângelo Ribeiro
Aposentado

Me vi representada na fala dos Antigos, meus contemporâneos, que, a cada narrativa que se iniciava era como uma janela que se abria e sobre ela me debruçava, esperando a porta abrir para conhecer o interior da casa. Respirei cada palavra trazida pelos Novos, acompanhei com atenção redobrada suas histórias porque eles me falam de um lugar que também é novo dentro de mim. É a nova geração de Técnicos da UFRGS!



Diego Speggorin Devincenzi
Setor de Patrimônio Histórico



Ivone Job

Escola Superior de Educação
Física e Dança - ESEFID

Junto com esses colegas eu revisei o Gabinete do Reitor - levada pelas mãos do Miguel e depois pela Tanira, local onde trabalhei assim que entrei na UFRGS; conheci outros espaços da Escola Superior de Educação Física e Dança e senti saudades das minhas aulas de “Corporeidade” quando ainda aluna da Pedagogia; transitei pelos corredores da Biblioteca Central onde dorme rico acervo, ao encontro da Catherine; adentrei o prédio recém-reinaugurado da Escola de Engenharia, com seu soalho de madeira fazendo ecoar o barulho dos meus saltos, para conhecer a Camila e o Fábio; conheci o efervescente Setor do Patrimônio e o entusiasmado Diego que me brindou com uma aula de História sobre o Museu da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e da própria história da Medicina no Rio Grande do Sul.

O espaço físico no qual fui recebida é o do Museu da UFRGS, mas a fala da Helenara me levou para a Rádio da Universidade com seus arquivos de vozes, para a Av. José Bonifácio, no pátio de uma escola infantil muito acolhedora onde ela viveu seus primeiros anos de vida escolar. Mas, se a Helenara me fez passear pelo campus central da Universidade e adjacências, a Vânia me fez subir e descer de aviões o tempo todo com sua trajetória de vida, iniciada lá na paradisíaca Fortaleza, no Estado do Ceará. Confesso, foi um tobogã de emoções que ela me conduziu com a leveza de quem sabe que o impacto é forte e por isso ela pôs almofadas nas palavras e concluiu com um brilho extra no olhar e um sorriso alegre nos lábios.



Catherine da Silva Cunha
Biblioteca Central

Para continuar falando de lugar distante, conheci um “guri” guerreiro que nasceu na distante Belo Horizonte e me mostrou, ao narrar parte de sua história, o que é ter foco e persistência na vida para atingir um objetivo. Fabio lia livros técnicos mal começando a adolescência porque queria estudar computação, mas não a parte de software, “eu queria mexer nos dispositivos”. Sai fortalecida da entrevista.

O André, a Renata, tão sérios e comprometidos com suas funções me lembram do quanto é bom a gente fazer o que gosta. Me encantam porque são jovens, recém-chegados ao serviço público, assim como eu cheguei a cerca de trinta anos e embora incipiente já habitava em mim o espírito do servidor público. Eu queria trabalhar com pessoas e para pessoas.



Helenara Robalo Ungaretti
Museu da UFRGS



Vania Lima Gondim
Museu da UFRGS

A portrait of Fabio Celestino Pereira, a man with dark hair and a slight smile, wearing a dark jacket over a light blue shirt. He is positioned on the right side of the frame. In the background, there is a green plant with large, fan-like leaves on the left and a light-colored wall with a window frame on the right.

Fabio Celestino Pereira
Escola de Engenharia

Voltei para casa ao entrevistar a Michelle e a Rita, minhas colegas de Unidade - IFCH - há tantos anos. Ouvir delas o quão desafiador foi enveredar pelo caminho do mestrado e o quanto se sentem gratificadas por terem feito essa escolha, me deu cada vez mais certeza de que eu fiz a opção certa ao trocar a aposentadoria pela sala de aula. Sem contar a trilha sonora da gravação da entrevista com a Rita, onde seu pequeno Vicente contribuiu com risos e gritinhos de um bebê de seis meses. Muito bom!

Aprender sempre me fascinou. Desde criança eu queria saber como é que as pessoas aprendem, como é que o conhecimento entra dentro da cabeça delas. Talvez porque meu único irmão não tenha tido a oportunidade de sequer se alfabetizar, fruto de um tempo em que a escola não tinha o menor prurido em expulsar os 'inadequados'. Melhor sorte há de ter o bebezinho que a Camila gestava na ocasião da entrevista. À medida que ela narrava a sua trajetória eu ia me encantando cada vez mais. Quando concluímos a entrevista, depois que nos despedimos, eu saí do prédio com uma sensação de leveza profunda. Eu havia acabado de entrevistar uma princesa, que foi à luta!

A pequena frase “É um prazer!” dita com um lindo sorriso nos lábios, com olhos expressivos, volta e meia me visita e me faz sorrir de gratidão ao lembrar da autora. Eu ouvi tantas vezes da Tánira que “Era um prazer. Era um prazer que eu tinha, a educação era uma válvula de escape. Ela se tornou, ela se materializou como um prazer e a constatação, - eu já tinha uma certeza - a constatação que a partir da minha formação, investir nos meus estudos, eu poderia mudar e mudar muito a minha realidade.”

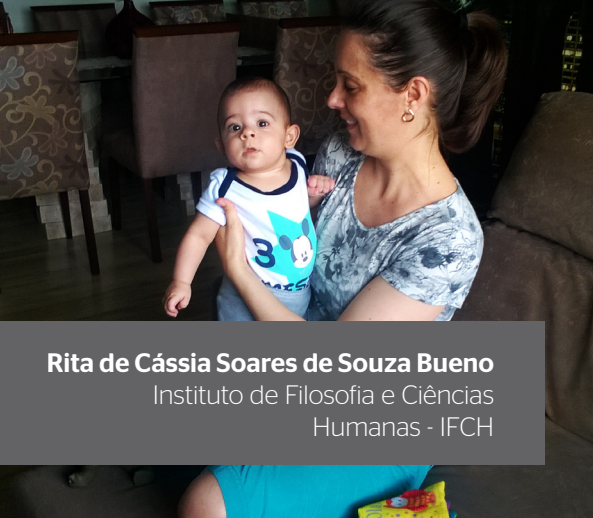
Tive a grata oportunidade de entrevistar a Noêmia no seu último dia de trabalho na UFRGS. Era um dia de emoções de toda ordem. Havia cheiro de doces no ar, que se misturavam ao salgado das lágrimas que insistiam em rolar pelo rosto, antecipando a saudade que viria. A Noêmia me mostrou o quanto podemos ser firmes e assertivos profissionalmente e ao mesmo tempo sermos gratos pelo lugar que nos acolhe e nos permite ser. Ainda falta para nos tornarmos mais explicitamente amorosos uns com os outros, com nossos lugares de trabalho, com nosso mundo... mas sou otimista. Estamos no Caminho!



André Schneider
Conselho Universitário -
CONSUN



Renata Manara Tonioli
Superintendência de
Infraestrutura - SUINFRA



Rita de Cássia Soares de Souza Bueno
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas - IFCH



Michelle Raupp Selister
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas - IFCH

A vida é feita de ciclos e de memórias. Aqui, assim, encerro mais um, agradecendo e honrando a todos que me precederam no corpo técnico da UFRGS, a todos que fazem parte do meu presente e a todos que virão depois de mim. Somos um corpo formado por Servidores Técnico-Administrativos em Educação que atua na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Obrigada!



Noêmia Fátima Rodrigues
Setor de Patrimônio Histórico

SOBRE O MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS

O Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (PPG-MSBC) é composto por um curso de mestrado profissional e um de doutorado acadêmico. O mestrado profissional é um diploma equivalente ao de mestrado acadêmico, autorizando o titulado a atuar no Ensino Superior.

Sua vantagem em relação a um curso acadêmico é a ênfase no impacto social da pesquisa científica: para além de uma dissertação, o Mestre Profissional gera uma série de produtos técnicos que contribuem para que sua pesquisa repercuta imediatamente na sociedade – em organizações, instituições, empresas, etc.

Trata-se, portanto, de um processo de formação que enfatiza a inserção profissional para além dos muros da Universidade. O Doutorado Acadêmico, por outro lado, enfatiza a pesquisa voltada para a esfera acadêmica. Trata-se de uma etapa de formação que leva o titulado a atuar em Programas de Pós-Graduação no País e no exterior.